A black and white portrait of a man with a mustache, looking directly at the camera. The image is the background for the entire page.

folhaliterária.

NÚMERO 2, 2025

SÁBIO SABIÁ

NOS 35 ANOS DA MORTE DE RUBEM BRAGA, ACADÊMICOS DESCREVEM
HISTÓRIAS E CASOS DO MAIOR CRONISTA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Prefácio

TODA CIDADE GUARDA NOMBRES QUE A MOLDARAM!

Toda cidade guarda, em sua arquitetura e alma, nomes que a moldaram com ideias, gestos e palavras. Vitória, entre suas ladeiras e horizontes de luz, reverencia um desses nomes com justiça e memória: Adelpho Poli Monjardim. Prefeito da capital capixaba de 1955 a 1957 e de 1959 a 1963, um tempo de profundas mudanças no Brasil e no mundo, Adelpho foi mais do que um administrador público; foi um homem de letras, de reflexão e de compromisso com sua terra.

Sua atuação como gestor, e primeiro prefeito eleito de Vitória, deu-se num momento emblemático, após a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade e o país exigiam reorganização e novas direções. Nesse contexto, Adelpho promoveu reformas administrativas, buscou modernizar os serviços públicos e conduziu Vitória com seriedade, ajudando a pavimentar caminhos para uma cidade mais estruturada e consciente de sua identidade.

Mas é no campo da cultura que seu nome ganha eco duradouro. Como escritor, pesquisador e defensor das letras, contribuiu para o fortalecimento da memória capixaba. E é por isso que a Biblioteca Pública Municipal de Vitória leva o seu nome, não apenas como homenagem, mas como continuidade de sua crença no conhecimento como pilar da cidadania.

Estas publicações, destinadas sobretudo aos alunos da rede pública municipal, fazem parte de um projeto maior: semear em novas gerações o valor da história, da literatura e do pertencimento. A Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, celebra com grande satisfação a parceria com a Academia Espírito-santense de Letras, renovada a cada ano desde 1990, que permite a publicação e a ampla circulação de obras que dialogam com a alma de nossa cidade.

Neste ciclo, integram o projeto a obra “Um Aristocrata nas Letras: Vida e Obra de Adelpho Poli Monjardim” da Coleção Roberto Almada; os livros “Vento Sul”, de Carmélia Maria de Souza, “A Vida em Sonho...”, de Saul de Navarro, e a reedição histórica de “História da Província do Espírito Santo”, de Misael Ferreira Pena, os três da Coleção José Costa. Também ganham nova vida a Coleção Escritos de Vitória, agora em sua 39ª edição, reunindo muitos “Causos da Ilha” que fortalecem a tradição oral e as narrativas afetivas de nosso povo, e os periódicos “Revista da Academia Espírito-santense de Letras”, no 30º número, e a segunda publicação da “Folha Literária”.

Que essas leituras inspirem os jovens leitores a compreender que a cidade em que vivem é feita de pessoas, decisões e memórias, e que nomes como o de Adelpho Poli Monjardim continuam vivos, não apenas nas páginas da história, mas nas ideias que nos movem e nos sonhos que ainda nos guiam.

Lorenzo Pazolini
Prefeito de Vitória



PREFEITURA DE
VITÓRIA

EXPEDIENTE



Revista literária e jornalística da
Academia Espírito-santense de Letras
#02 #2025

Romulo Felipe
Editor

Designer - Rony Mothé
Gráfica - GSA

DIRETORIA DA AEL:

Ester Abreu – Presidente
Wanda Alckmin – 1. Vice-Presidente
Marcos André – 1. Tesoureiro
Romulo Felipe – 1. Secretário

ACADÊMICOS:

Adilson Villaça de Freitas
Adriana Campos
Álvaro José dos Santos Silva
Anaximandro Amorim
Bernadete Lyra
Carlos Nejar
Ester Abreu
Evandro Moreira
Fábio Daflon
Fernando Achiamé
Francisco Aurélio Ribeiro
Francisco Grijó
Gabriel A. de M. Bittenourt
Getúlio Neves
Humberto Del Maestro
Ítalo Campos
João Baptista Herkenhoff
João Gualberto
Jonas Reis
Jorge Elias Neto
José Carlos Mattedi
José Ignácio Ferreira
José Roberto Santos Neves
Josina Nunes Drumond
Leonardo Passos Monjardim
Luiz Busatto
Magda Lugon
Marcos André Malta Dantas
Marcos Tavares
Maria das Graças Silva Neves
Matusalém Dias de Moura
Neida Lúcia Moraes
Oscar Gama
Oswaldo Ovídio dos Santos
Pedro J. Nunes
Renata Bomfim
Romulo Felipe
Sérgio Bizzoto Pessoa de
Mendonça
Sérgio Aboudib
Wanda Alckmin

PREFEITURA DE VITÓRIA

Lorenzo Pazolini
Prefeito de Vitória
Cristhine Samorini
Vice-Prefeita
Eduardo Henning Louzada
Secretário Municipal de Cultura
Elizete Terezinha Caser Rocha
Biblioteca Munic. Adelpho P.
Monjardim

Academia Espírito-santense
de Letras

Praça João Clímaco, 54
29.015-110 – Centro, Vitória, ES
www.ael.org.br



Valorização da Memória

A Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC), sente-se profundamente satisfeita em seguir, em parceria com a Academia Espírito-santense de Letras (AESL), semeando a valorização da memória, da literatura e da identidade cultural da cidade. Essa parceria, traduzida por meio de um convênio anual, possibilita a publicação e a ampla distribuição de obras literárias memorialísticas à população capixaba.

Essa ação, iniciada em 1990 com a emblemática coleção *Palavras da Cidade*, ganhou fôlego e projeção com a criação, em 1993, da *Coleção Escritos de Vitória*. Ao longo dos anos, essa coleção tem acolhido textos de autores jovens e também de escritores já consagrados, cujas obras resgatam vivências, histórias e percepções sobre a cidade de Vitória. Agora, em sua 39ª edição, celebramos mais de sessenta textos sob o tema *Causos da Ilha*, fortalecendo a tradição oral e as narrativas afetivas que permeiam o imaginário ilhéu.

Juntamente com essa edição da *Coleção Escritos de Vitória*, são publicadas a *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, com ensaios, resenhas e discursos acadêmicos, e a *Revista Folha Literária*, com notícias culturais e textos diversos, além de quatro livros das consagradas coleções *Roberto Almada* e *José Costa*.

Entre os títulos presentes, destacam-se *Vento Sul*, com crônicas da insigne escritora capixaba Carmélia Maria de Souza; uma biografia do ex-prefeito e escritor Adelphi Polli Monjardim – que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Vitória; *A Vida em Sonhos*, obra poética de Saul Navarro; e a reedição da clássica *História da Província do Espírito Santo*, escrita por Missael Pena em 1988.

Ao apoiar essas publicações, a PMV/SEMC reafirma sua convicção na importância da literatura como instrumento de reflexão, memória e transformação. São obras que, além de enriquecerem o acervo das bibliotecas e chegarem às mãos de leitores de todas as idades, preservam a memória coletiva, incentivam a leitura e promovem o diálogo entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

Em cada um desses tempos, destaque para aquela que se mantém protagonista. A Professora Doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira, de admirável trajetória marcada pela erudição e sensibilidade, ícone de compromisso com a educação, a cultura e a literatura, segue cultivando entusiasmo e nutrindo feitura como a que se materializa neste projeto. Ela, “jardineira das letras”, planta, cultiva, poda, rega, aduba, mantém e, mercadamente, colhe; e, generosamente, nos permite colher juntos. Este é só mais um fruto desta Senhora-Árvore.

É no mínimo curioso que essa ação aconteça no outono, metaforicamente, onde mais se fala do tempo, da vida, do que foi e do que se transforma. Isso tem cheiro de Albert Camus: “O outono é outra primavera, cada folha uma flor”. Uma imagem rica para quem no livro, faz morada; da literatura, um portal. Seguimos, com orgulho, cultivando esse legado. Que os bons ventos sigam soprando as folhas dessa história de sementes, flores e frutos.

Edu Henning
Secretário de Cultura de Vitória
Inverno de 2025

Editorial

O BOM E VELHO RUBEM

E o quanto sua presença nesta *Folha* nos honra

Rubem Braga nos homenageia nesta edição da *Folha Literária*, e não o contrário. Afinal, é uma honra tê-lo por aqui. O velho *Sabiá*, que alçou seu nome no olimpo dos maiores cronistas da língua portuguesa — era a própria candura ao transpor para o papel seus sentimentos mais profundos — é fonte de inspiração para todos nós. E nada mais justo do que publicarmos uma série de artigos, e uma “entrevista exclusiva”, em lembrança às três décadas e meia do seu passamento. Rubem se foi, mas suas crônicas foram devidamente imortalizadas.

Como seu conterrâneo, cresci à sombra do velho pé de fruta-pão no casario da 25 de Março, em Cachoeiro. Recordo-me que, no florir da adolescência, a cidade se movimentava por conta de um concurso de crônicas em homenagem (viva) ao seu filho mais ilustre (Roberto Carlos que nos perdoe). Para candidatos a partir do 2º grau. Não tinha idade para tal, ainda cursando o começo do ginásio. Escrevi a minha *croniquete* (como diz a querida Bernadette) e a inscrevi usando o nome do meu saudoso irmão Amarildo

Felipe. Isso porque Rubem Braga estaria lá, na entrega dos prêmios, em carne e osso, em segundo lugar (eu tinha 12 ou 13 anos...). Amarildo foi lá e abraçou o meu ídolo literário em meu lugar. Aquele que, ao lado de Manuel Bandeira, inspirou e influenciou este escriba.

À parte de Rubem, esta rica edição da publicação literária e jornalística da nossa centenária Academia Espírito-santense de Letras — que circula graças ao apoio da Prefeitura de Vitória, através da secretaria de Cultura — traz textos preciosos de nossos acadêmicos. Um trabalho vigoroso, que contou com a união de confrades e confreres determinados a nos presentear com artigos, crônicas, poemas, reportagens e afins que contemplam do cotidiano a grandes figuras históricas. Um deleite aos olhos de quem ama cultura e literatura.

Desejamos, cada um de nós — os mais de 20 acadêmicos da nossa arcádia que estão nas próximas páginas e os que não puderam estar por outras tribulações — que desfrutem ao máximo desta *Folha Literária*.

Romulo Felipe • Primeiro Secretário da AEL



HOJE E SEMPRE

Jorge Elias • Cadeira 02 da AEL

Sou um caso de despertecimento,
e não me dei conta até hoje.
E não foi por desconhecer a sombra,
ou o pecado existencial.

Nasci com a mesma pele
que reveste a alma dos alienados.
(Na vida muitas coisas circulam
no plano do despercebido.)

Acerquei-me à beleza bem cedo;
ela sempre foi os meus olhos.

Mas, com alguma sorte,
pude tingir de realidade a arte
- e sobreviver.

Grande casa do eu sozinho,
em pé, neste acaso de um agora qualquer,
sou alguém que tenta dizer da destruição
do Mundo para as paredes vazias.

(A memória das fotografias
é indiferente ao futuro de suas molduras.)

Querem que o poeta se cale,
já que delira em suas propostas de
impraticâncias no paraíso dos filisteus.

Mas acordar na beleza,
sabendo que ela tem a insistência do verde
na multiplicidade acinzentada dos homens,
é sentir a urgência do grito.

**

PARTES E CRUZES

E, se entrecortássemos o destino,
ele flutuaria mais fácil
no caudal de angústias?

Assim, picotado,
ele se desdobraria em infinito?

E seria ele a nos cerrar os olhos?

**

CAÍRAM AS FOLHAS

Caíram as folhas que vi
nascem quando parti

Não fui testemunha das aguadas
nem da prenhez da terra que alimentaram

Apenas a meia-volta da memória
se despede, vez ou outra,

E sigo na constância,
e os dias, sim, brotam,

Mas sem as folhas
que, dispersas, me calçaram o egoísmo.

Vitória, 13-01-24



LEIA CAPIXABAS
Objetivo é debater e conhecer a produção literária produzida no ES

Anaximandro Amorim
Cadeira 40 da AEL

O “Clube de Leitura Leia Capixabas” nasceu em 2018, como consequência da primeira edição do curso de “História da Literatura do Espírito Santo”, ministrado pelo escritor Anaximandro Amorim. Então graduando em Letras-Francês pela Ufes, o autor criou este curso durante uma cátedra da faculdade, ministrada pelo poeta e professor Paulo Sodré. Ao fim das aulas, o grupo, buscando continuar se reunindo, fundaria a iniciativa.

O clube tem por objetivo debater e conhecer a produção literária produzida no Espírito Santo, conhecida, geralmente, por “literatura capixaba”. Sua reunião inaugural se deu no dia 18 de abril de 2019, no Trapiche Gamão, na Gama Rosa, Centro

de Vitória, numa concorrida tarde de sábado, tendo como gênero escolhido a crônica. O grupo, nestes seis anos ininterruptos de existência, realizou encontros com um número médio de mais de 250 pessoas e livros.

Os encontros já se deram por videoconferência e em locais como a sede do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Academia Espírito-santense de Letras e em alguns cafés. Em 29 de outubro de 2022, uma reunião se deu, pela primeira vez, fora da capital, durante a Feira do Livro de Vila Velha, como parte da programação. No ano de 2024, as reuniões também se deram na sede da Biblioteca Pública Estadual.

O Clube de Leitura Leia Capixabas também participou de uma mesa-redonda, no dia 24 de maio de 2019, durante a VI Flices (Feira Literária do Espírito Santo), sobre clubes de leitura. No dia 27 de outubro daquele

mesmo ano, durante a II Flicari (Feira Literária de Cariacica), o Clube foi homenageado pela Academia Cariaciquense de Letras. Em tempo: no Spotify, há, também, um “podcast”, com algumas informações interessantes sobre a nossa literatura.

O “Leia Capixabas” é aberto para todo o público. Para participar, não é necessário ter formação literária. O recorte não é por livros, mas por gêneros literários, dentro dos quais o participante pode trazer um ou mais livros de autores nascidos ou criados no Espírito Santo. Cada qual tem de cinco a dez minutos de fala, a fim de apresentar a obra. Também são aceitos ouvintes. Autores são bem-vindos, desde que falem do livro de um(a) colega. O intuito é que todos conheçam a produção do outro. Pede-se, também, para não levarem xerox de livros, pois há, também, o intuito de se fazer girar a roda da economia criativa.

Uma crônica sobre AS CRÔNICAS

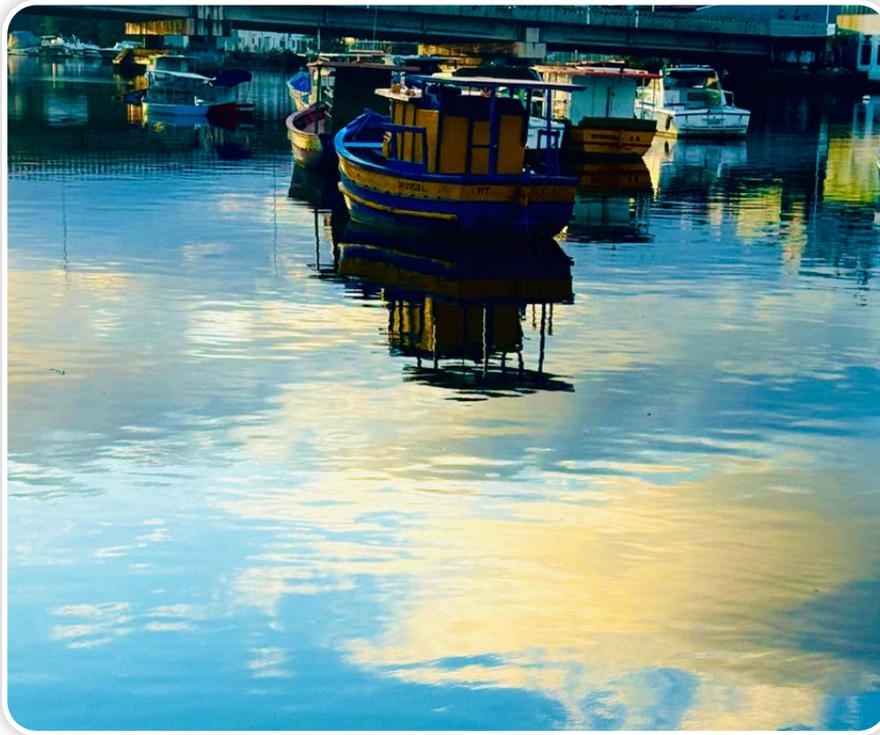
...ou os tormentos ocasionais de cronistas. Uma crônica permite a quem a escreve trazer lascas da memória e fragmentos da vida

Bernadette Lyra
Cadeira 01 da AEL

Crônica é uma escrita flutuante entre o jornalismo e a literatura. Permitam-me dar alguns pitacos sobre a existência desse pastel de vento de rápida leitura, entendimento ligeiro e breve consumação que a crônica é. Mas não considerem que estou a dar conselhos. Como diz o ditado, “se conselho fosse bom ninguém dava, vendia”.

O termo crônica vem de Chronos. Chronos é aquele velho deus mitológico do Tempo. Ele devorava os filhos com medo de que eles lhe tomassem o trono. Cronistas são filhotes de Chronos que escaparam à devoração do pai. E, por sua vez, devoram qualquer matéria que lhes apareça à mesa. Assim, antes de tudo, o cronista é um canibal. Mas ser canibal exige um certo requinte. Não vale só cair de boca em um assunto qualquer. Existem modos variados de escolher e de usar.

Em primeiro lugar, a dieta de cronistas é feita de “faits divers”, ou seja, de fatos corriqueiros de cada dia. O ideal é que a comida seja fresca, e lá venha pulando, como queriam os aimorés, os botocudos e outros povos originários, que amavam devorar portugueses



colonizadores, gente de carne mais gorda e macia de que a carne das antas, que era como comentavam os indígenas do norte capixaba. Isso não quer dizer que memórias não possam fazer parte desse banquete. Pelo contrário, memórias são bem-vindas, quando o acontecimento escolhido espelha o passado conduzido ao presente, para provocar uma reflexão por parte de quem escreve ou de quem lê.

Em segundo lugar, uma crônica requer o tempero da atualidade, para não ser apenas fatias de elucubrações ou ensopados de lembranças, que o cronista regurgita amorosamente na garganta de leitoras e leitores, tal faz um

pássaro a alimentar seus vorazes filhotes. Sim, porque os leitoras e leitores contam, na hora de escrever uma crônica. Contam tanto que cronistas não podem passar sem dar a suas crônicas um “olhar de aceno para os lados”, (citando o escritor/cronista Jace Theodoro), ou melhor, de uma palavrinha ao pé do ouvido, uma tertúlia amável com aquelas e aqueles que, hipoteticamente, lerão o que está sendo escrito. Lembro Machado de Assis que chegava a dizer que fazia suas crônicas como “regras para aqueles que frequentam os bondes”. Não existem mais bondes, mas existe aquilo que, as respeito da crônica, o teórico Antônio

Cândido chama de “uma conversa aparentemente banal”. Às vezes, essa conversa aparentemente banal toma outra direção. E o cronista desanda a falar especificamente para ou sobre alguém, embora nem sempre mencione seu alvo. É a malícia da crônica! A pessoa vai lá e lê, inocentemente, sem adivinhar que aquela parolagem toda se dirige a determinada criatura.

Existem cronistas que resvalam na linguagem poética, o que é totalmente normal, tendo em vista que a literatura é o modo mais encantador de mentir e de trapacear com a realidade. Ou então vice-versa, há cronistas que adotam uma escrita direta como se estivessem a

registrar o assunto da maneira mais impessoal e seca possível, sem se importar com qualquer tipo de comoção. Essa dualidade é bendita, pois faz de cronistas criaturas que oscilam em crise frequente: ou são artistas que modulam a palavra para além da mera informação e tangem o terreno da poesia; ou são seguidores do modelo jornalístico, que tecem comentários prosaicos sobre coisas que acontecem no cotidiano comum. Pensem então em cronistas como criaturas que vivem a gemer: “Oh, por que me atormenta a linguagem? O que a linguagem tem contra mim? “.

Para ampliar os tormentos ocasionais de cronistas, há que considerar, também, um conceito de crônica que escapa ao destino dual e cabe perfeitamente nos limites históricos de um país, um estado, um território, uma cidade, pois se limita a efetuar um desfile de nomes e datas e a cronometrar relatos de feitos de reis, rainhas, mandatários, figuras de pessoas ilustres etc. O mais importante, porém, é que seja qual for o modelo escolhido, uma crônica permite a quem a escreve trazer lascas da memória e fragmentos da vida, ainda que seja de modo fantasioso, para cobrir a carne fria da realidade com o molho quente da imaginação.



O cachoeirense Rubem Braga é reconhecidamente o maior cronista brasileiro de sua época

Poeta da CRÔNICA

Francisco Auelio Ribeiro
Cadeira 06 da AEL

Rubem Braga (1913-1990) foi o maior cronista brasileiro de sua época e um dos mais ilustres capixabas de todos os tempos. Nasceu em Cachoeiro e lá viveu sua infância, cujo imaginário o marcou por toda a vida. Viveu no Rio, em Belo Horizonte, onde se formou em Direito, com dezenove anos, em Recife, Porto Alegre, Itália, como correspondente de guerra, Paris, Marrocos, como embaixador, mas seu coração era o do menino capixaba, que aprendeu a gostar do mar em Marataízes, que amava os passarinhos e começou a escrever crônicas, aos quinze anos, para nunca mais parar.

É claro que houve muitos capixabas ilustres antes dele: Padre

Marcelino Duarte, na primeira metade do século XIX, comparado por Afonso Cláudio ao Padre Feijó; o próprio Afonso Cláudio, grande jurista e literato; Mendes Fradique, o maior escritor satírico do Brasil, na década de 1920; Haydée Nicolussi, amiga de seu irmão Newton, a revolucionária romântica, segundo Drummond, mas foi Rubem Braga que, “a partir da fonte inesgotável de sua infância, alcançou a universalidade que só os grandes alcançam”, segundo Otto Lara Resende.

Acontece que Rubem Braga nasceu na hora certa, no tempo exato e fez bem ter saído do Espírito Santo para estudar no Rio, a capital do Brasil, naquela época, cidade onde passou a maior parte da sua vida e consolidou sua

carreira literária, como muitos capixabas ainda o fazem. Tivesse ficado por aqui, sua fama não passaria de “aquele filho do coronel Chico Braga, meio lunático, que escreve umas bobagens no Correio do Sul e passa o dia pescando bagre no rio Itapemirim”. Não exagero, meus amigos leitores dessas mal traçadas linhas. Cachoeiro e o Espírito Santo devoram seus filhos em vida. Não é verdade, Regina Herkenhof? Para fazer sucesso e ser valorizado aqui, é melhor cair fora, no primeiro trem, ônibus ou avião, como fizeram Rubem Braga, Carlinhos Oliveira, Mendes Fradique, Haydée Nicolussi, Danuza e Nara Leão, Elisa Lucinda e Viviane Mosé.

De qualquer maneira, Rubem Braga não teria muita chance de fazer sucesso como escritor, nos dias de

hoje. Ainda bem que ele nasceu há cento e tantos anos, quando ler e ser letrado eram bens valorizados pela sociedade da época. E me explico, antes de ser mal interpretado. Em 1952, Rubem Braga publicou “A borboleta amarela”, crônicas escritas de 1950 a 1952, em Paris e no Rio. A crônica do título fala de uma borboleta amarela vista pelo cronista, no centro do Rio, ao sair para trabalhar. Desdobrada em três partes, os leitores e as pessoas do círculo do escritor se interessam pelo destino da borboleta, seduzidos pela narração do cronista. Ao final, ele a perde de vista e vai trabalhar. O que ficou da crônica é o modo de contar um fato tão banal, e é esse o poder e a força da literatura. Hoje, as pessoas não têm paciência para

ler sobre borboletas, nem sentimento ou sensibilidade para dar importância aos que “seguem borboletas”. O que elas valorizam, em tempos de redes sociais, são os ‘influencers’ com milhões de seguidores, por postarem bobagens, dancinhas, musiquinhas de duplo sentido e outras trivialidades. Enquanto Rubem falava de viver as coisas simples da vida, o mundo interior, os sentimentos, os artistas atuais valorizam a aparência exterior, a riqueza material, o sucesso momentâneo, a ostentação.

Passados trinta e cinco anos de sua morte, Rubem Braga se imortalizou para nós, que o conhecemos e lemos sua obra, porque escritores se extinguiram como as borboletas amarelas nos centros poluídos das urbes.

Certa vez me contou UM SABIÁ

*Quando Rubem Braga virou tema
carnavalesco na Unidos de Jucutuquara*

Marcos Tavares
Cadeira 15 da AEL

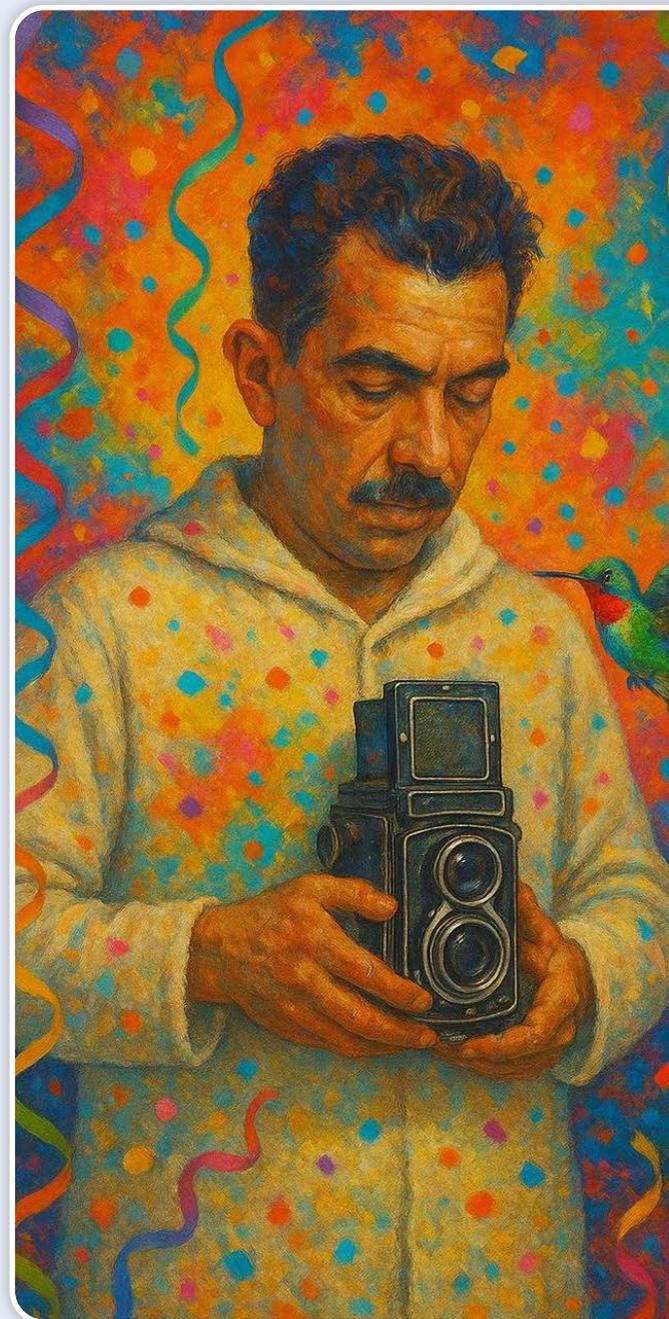
Por uma das mais tradicionais escolas de samba de Vitória (ES), a Unidos de Jucutuquara, centenário de Rubem Braga foi comemorado. Pela avenida do Sambão do Povo, no Carnaval de 2013, desfilou o enredo “A Centenária Noite do Sabiá da Crônica: entre Pássaros, Palavras, Chiquitas e Baianas”. E, meninos e meninas, eu vi! Emocionante foi ver em verde, vermelho e branco toda aquela grande massa humana a louvar o escritor. “Passarão os passarinhos/ pra cantar meu sabiá./ É Jucutuquara sorrindo / pro velho Braga homenagear”, eis o refrão entoado. E, muito a propósito, trouxeram a público uma gigantesca máquina de escrever, fiel cópia de sua inseparável companheira, com que ele, em frenesi, escrevia. Não arrebatou a agremiação o título de campeã. Coube-lhe um honroso terceiro lugar no difícil grupo “especial”; no entanto, ao sambódromo levou o carnavalesco Sury de Souza as principais marcas de nosso genial cronista. Glorificada pelo espetáculo a efeméride.

Em um texto intitulado “Estranho ofício de escrever”, relata-nos Fernando Sabino (1) o intercâmbio verbal entre Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e ele, “três condenados à crônica diária”. Escreviam, respectivamente, nos “Diário de Notícias”, “Diário Carioca” e “O Jornal”, publicações cariocas. Havia vezes que chegavam a abordar um mesmo tema, se fosse, por exemplo, uma tragédia, ou caso de grande repercussão. E, em cada cabeça, uma sentença. Nos momentos de não inspiração, ou porque premidos pela pressa, um emprestava ao outro uma crônica já engavetada, fosse virgem ainda ou já posta no olho público. “Nada como se valer de um amigo nas horas difíceis”, justificava Sabino. Troca-se uma palavra aqui, remenda-se outra ali, muda-se o ambiente e a circunstância e ...ei-la, a crônica novinha, “tão fácil depois de feita, tão difícil de fazer”, qual na trova de Ademar Tavares!

Depois de mais de três décadas de forçado silêncio, apraz-me hoje contar um fato, por ocasião de um concurso de contos promovido pela UFES. O ano era 1980. Condição sine qua

non para concorrente era ser universitário e inscrever três contos inéditos. Conhecido o resultado, publicados em livro os contemplados, estavam entres os três primeiros os de Adilson Vilaça, de Ivan Castilho e de Miguel Marvilla. E menção honrosa (que logo chamei de “honrorosa”) houve para outros três (entre eles, o meu “No escuro, armados”). Assíduo leitor da série “Para gostar de ler” (Ed. Ática, São Paulo), fui o único a, então, explicar um fenômeno intertextual (no mínimo, “mediúnico”): no volume 3 (de 1978) lá constava o interessante conto/crônica intitulado “Recenseamento”. Um estudante, sequioso por fechar sua trinca de textos, valera-se daquele “recurso” da tríade de amigos (Rubem Braga, Paulo Mendes e Fernando Sabino): apanhara um sob empréstimo (e integralmente, sem sequer mudar o título). Não contava ele que, justo o de sua pretensa autoria, é que seria um dos “honoráveis”. Para possível gáudio meu e para horror da Comissão Julgadora (que me implorou absoluto sigilo). Rubem Braga, ainda vivo, nunca soubera desse laurel.

Integrantes do alternativo Movimento



Pirata, liderados pelo poeta Jaci Bezerra, querendo prestigiar o ídolo nacional, em 1979 imprimiram versos dele, então inéditos, num livro artesanalmente composto em Recife (PE). Unida à plêiade estava a hoje renomada capixaba Kátia Bento. Queixaram-se de que o Braga tanto não estivera no lançamento, na Sala Funarte (RJ), quanto, levados até o seu prédio em Ipanema alguns exemplares da edição,

a ninguém convidou a subir à sua famosa cobertura. Nem para buscar os volumes dignou-se a logo descer à Portaria o casmurro Rubem: pelo próprio interfone ordenou seu laconismo crônico que os deixassem lá mesmo, que os apanharia depois. E só. Por pouco não ouviu Kátia a irritada vociferação (2) já ouvida por literato nosso (Maciel de Aguiar): “Porra, mais um poeta do Espírito Santo a me encher o saco?”

1. SABINO, Fernando. *A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

2. CARVALHO, Marco Antônio de. *Rubem Braga: Um cigano fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Globo, 2007

Rubem Braga para TODO O SEMPRE

Quando Reinaldo Santos Neves me convidou para escrever a orelha de um livro do Sabiá cachoeirense

Fernando Achiamé
Cadeira 17 da AEL

Em 1984, eu trabalhava na Secretaria de Estado da Educação e Cultura (SEDU) no cargo de assessor técnico, destacado no gabinete do secretário Wilson Haese para encaminhar assuntos da área cultural, já que era membro do Conselho Estadual de Cultura (CEC), colegiado então vinculado àquela pasta. A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) fizera convênio com a SEDU para editar obras de escritores capixabas e as distribuir na rede estadual de ensino. Como intermediária do convênio ficou a extinta Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCCA), ligada à UFES, que mantinha uma editora e já publicara vários títulos de autores nascidos ou residentes no estado – a Coleção Letras Capixabas. Reinaldo Santos Neves exercia a função de editor da FCCA.

Naquele ano, resolveram publicar pelo convênio textos de Rubem Braga selecionados por ele com ajuda de Renato Pacheco, reunidos sob o nome de “Crônicas do Espírito Santo”. E o Reinaldo me convidou

para fazer a orelha da obra. Inspirado na beleza da escrita do Velho Braga, caprichei nas palavras. O livro, editado pela FCCA/UFES em conjunto com a SEDU, recebeu o número 16 da Coleção Letras Capixabas. Da tiragem de cinco mil exemplares, três mil se destinaram à distribuição gratuita pela rede oficial de ensino, e estampavam na capa desenho de Carybé retratando um homem tocando casaca. Os outros exemplares tiveram destinação comercial, traziam na capa detalhe de “Na Barra do Itapemirim”, óleo sobre tela de Isabel Rocha Braga, e foram lançados no Fashion Mall, São Conrado, Rio de Janeiro, em dezembro daquele já distante 1984. Nesse lançamento, o Rubem Braga elogiou meu texto e me agradeceu, inclusive no autógrafa.

Outro projeto da UFES/FCCA com a participação do Governo do Estado e da Rede Gazeta, denominado Nosso Livro, lançou em 1994 obras de doze autores capixabas, impressas no formato de jornal, com grandes tiragens para serem distribuídas nas escolas da rede oficial. Entre elas, o livro do Rubem Braga, com a supressão de algumas crônicas, e

sem o texto da orelha que constava na primeira edição. Em 2013, ano do centenário de nascimento do autor, as “Crônicas do Espírito Santo” foram publicadas uma terceira vez, agora pela editora Global, também sem o meu texto. Algum tempo depois, Pedro José Nunes inseriu o conteúdo da orelha original no prestante site Tertúlia Capixaba, que ele mantém com muito empenho e qualidade. A história é esta, em resumo.

Da primeira edição das “Crônicas do Espírito Santo”, extraí o texto da orelha, a apresentação do Rubem Braga denominada “Este Livro”, e uma crônica que tem por título “O colégio de tia Gracinha”. E aqui vai uma nota pessoal, sempre tendo em mente a feliz expressão do cronista e pensador nascido em Cachoeiro – falar muito de si mesmo “é inevitavelmente monótono”. Escolhi essa crônica por naquele colégio ter estudado minha tia-avó Iracema Moraes de Matos, que se casou com Arnulfo Martins de Matos. Avós sociais, mas de fato avós por terem criado, desde bem pequenos e órfãos, minha mãe Felisbina e meus tios Dicamor e Pedro, filhos de Moacir de Moraes e Raimunda Pinheiro de Moraes, ela



paraense. Vovô Moacir foi poeta, mas sua produção se encontra dispersa em jornais. É patrono da cadeira 24 da Academia Espírito-santense de Letras. Nascido no Alegre (ES), morreu no Pará com 33 anos. A viúva veio para o Espírito Santo com os quatro filhos crianças, foi lecionar em Mimoso (ES), mas em 1919, devido à gripe espanhola, o caçula Alcindo e ela faleceram. Então, Vovô Iracema, irmã do Vovô Moacir, acolheu os três sobrinhos já sem os pais e, com ajuda do marido, os criou. Ela fora educada no colégio da dona Gracinha e Vovô Arnulfo no colégio do professor Quintiliano de Azevedo, ambos em Cachoeiro de Itapemirim e que, respectivamente, recebiam moças e rapazes, em geral moradores no sul

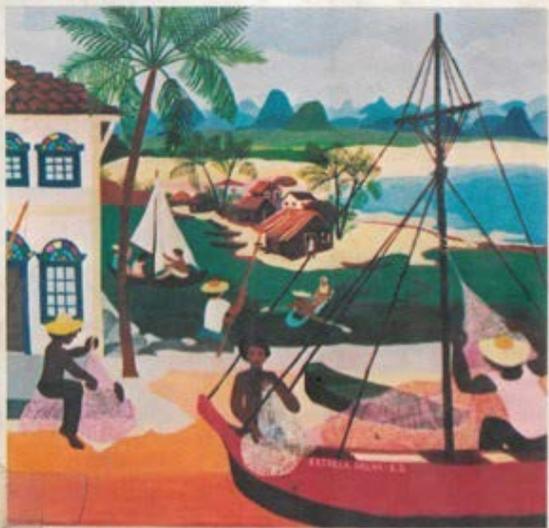
do estado e filhos de fazendeiros e comerciantes. Assim, fortes ecos dos ensinamentos proporcionados pelo colégio de Graça Guardia às suas alunas chegaram aos meus irmãos e a mim por meio de Vovô Iracema e da minha mãe. E o grande cronista Rubem Braga, cachoeirense cidadão do mundo, com leveza, exatidão, belíssimas imagens e frases, reviveu aquela época, o colégio e a personalidade da ilustre educadora; nos proporcionou valioso documento de vida e história, recorrendo à memória, à reflexão e à arte literária.

Mas vamos aos textos, que é o que interessa.

Orelha da primeira edição de “Crônicas do Espírito Santo”

RUBEM BRAGA

Crônicas do Espírito Santo



Rubem Braga escolheu estas crônicas para com elas fazer um livro e publicá-lo em sua terra. É trabalho que reúne História e estórias; é máquina do tempo e de emoções, realidade e ficção, descrição pura e observação alegre. Como um sol congelado. Dá para reconhecer uma História desconhecida nestas palavras. Palavras benditas que nos devolvem “uma base física para a saudade”. Querem saber o começo de Montanha? Leiam “Um Lugar Chamado Palha”. Revivemos em “Comercinho” a zona contestada com duas polícias (a capixaba e a mineira) e o que Mucurici foi um dia. Saudável um livro que nos permite sentir saudade de um tempo e de um lugar inatingidos! Bom constatar que nem “tudo o que parecia eterno sumiu”. Estão aí a geografia dos rios, da água dos rios, do volume d’água dos rios e o mar, as ondas do mar, a espuma das ondas do mar. Geografia devastada, história escondida mas nossas, únicas, recuperadas nestas crônicas. Nós tão sem norte, sem identidade, sem marca,

sem conhecimento; precisando nos ver com nossos próprios olhos.

Besteira dizer que estes escritos são de Rubem Braga. Foram dele quando os escreveu. Não mais lhe pertencem agora, incorporados logo, logo, a um acervo comum. Não pertencem só a ele o sabiá, a jenipapina, as carambolas, piabas, carás, os pés de planta, os canoieiros e pescadores. A infância não é só dele, mas um pouco retalhada em todos nós. Os editores erraram. Este trabalho deveria sair anônimo e ter impresso no lugar do nome do autor uma expressão encontrada em obra antiga: “Por hum Capichaba”. E continuaria universal. Vale, o que está escrito, para vários gostos e utilidades. Para ensinar e aprender. Para muitos cursos: de capixabismo ou de agronomia (“Cacau”, “E Mais Cacau”, “E Ainda Cacau”). Eis a deixa para todo um programa de estética do projeto arquitetônico: “Ah, amigos arquitetos, vocês me façam uma coisa tão simples e tão natural que, entrando na casa, a gente nunca tenha a impressão de que antes de fazê-la foi preciso

traçar um plano (...)”.

Este é um livro de muitas viagens. Tem a que o autor fez com Carybé nos idos de 1953 (os desenhos foram legendados e publicados em 1981) a instâncias do governo estadual e outras realizadas por conta própria. Tem a nossa volta a um Espírito Santo passado, diferente, bonito. Tem reminiscências, lembranças, até esquecimentos (porque é importante o que se deixou de dizer e o que deixamos de preservar – “toda história é remorso”, já falou um poeta). Há os retornos de Rubem Braga a sua infância, viagens feitas por aqui, sem vir até aqui. Existe passeando neste Estado, sobretudo, um olhar capixaba. E diferente das visões de viajantes estrangeiros, dos Saint-Hilaires, e Príncipes Maximilianos, embora guardando certo parentesco viageiro. O Autor é, bem provável, o primeiro e talvez o único dos nossos a andar por estas bandas contando o que viu e aprendeu, observando o por trás das coisas, pessoas, fenômenos. Nada lhe escapou: os bichos, os matos, as

RUBEM BRAGA

Crônicas do Espírito Santo



FUNDAÇÃO CECILIANO ABEL DE ALMEIDA/UFES
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DO ESPÍRITO SANTO

finanças, Meaípe e Iconha, a arquitetura, os tipos humanos, cantigas, falares, saberes e querer, ruas e estradas, o urbano e o rural.

Se eu fosse governador do Estado baixava um decreto mais ou menos assim: “Ficam obrigados os escritores nascidos ou residentes no Espírito Santo a percorrer o território estadual pelo menos uma vez na vida e fazer o que Rubem Braga fez em “Crônicas do Espírito Santo”. – Parágrafo Único – Excetuam-se desta obrigação os incompetentes porque lei nenhuma dá competência a ninguém.” Bom, pelo parágrafo se vê que o decreto seria de difícil aplicação. E nós já temos este escritor como patrimônio da literatura e revogam-se as disposições em contrário. Mas, que diabo, uma terra que possui Rubem Braga fica com uma responsabilidade danada com o verde e a vida de suas árvores e de seu passado.

(Vitória, outubro / 1984. Fernando Achiamé)

Este Livro
Amigos tiveram a
ideia gentil de juntar

em livro as minhas crônicas referentes ao Espírito Santo. Quero agradecer especialmente a camaradagem e a paciência do romancista Renato Pacheco.

Ao começar a fazer uma seleção senti que era preciso deixar de lado um grande número de crônicas. Durante muitos e muitos anos, escrevendo em jornais e revistas do Rio e de outros Estados, tratei de assuntos capixabas. Muitos foram os artigos polêmicos em que procurei defender interesses do Espírito Santo dentro da Federação e em face de grandes Companhias. Ora reclamava o calçamento de uma estrada, ora a instalação de uma indústria.

Apoiei a campanha da professora Zilma Coelho pela alfabetização e melhoria social dos pobres de Cachoeiro de Itapemirim. Muitas vezes me empenhei em defender o nosso meio natural como uma espécie de suporte jornalístico do benemérito cientista Augusto Ruschi. Não renego esses escritos; pelo contrário, me orgulho deles. Mas a verdade é que não são bem crônicas; são, mais propriamente, artigos – matéria que envelheceu rapidamente e hoje seria enfadonho reler. Conforta-me pensar que sempre fui movido pela intenção de defender o homem do povo de minha aterra, tão desprezado e esquecido pelas ricas e poderosas quadrilhas que nos dominam. Como é pobre o capixaba pobre!

Muitas destas crônicas falam de um Espírito Santo que já não existe. O barco Juparanã não navega mais. Naquele morro de Iconha onde havia bois hoje há construções.

Também falo muito de mim – o que é inevitavelmente monótono. Viver é muito repetitivo. Mas, enfim.

R. B.

10 PERGUNTAS PARA RUBEM...

AMOR CRÔNICO

“O amor é o grande milagre verdadeiro da vida, o grande mistério e o grande consolo”. Nesta entrevista construída a partir de antigas crônicas, o bom e velho Rubem Braga mostra sua áurea mais romântica

1) Como foi seu início nas redações?

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar.

2) Você teme a finitude?

No dia em que partir, eu me sentirei mais livre do que todos, e gozarei de um infantil sentimento de superioridade, como dizendo: “vocês pensavam que eu fosse um morador desta rua, como vocês são; não é verdade; eu estava apenas em trânsito, apenas disfarçado em morador, e tenho na minha frente um horizonte trêmulo de surpresas... Adeus, volto para meus caminhos”.

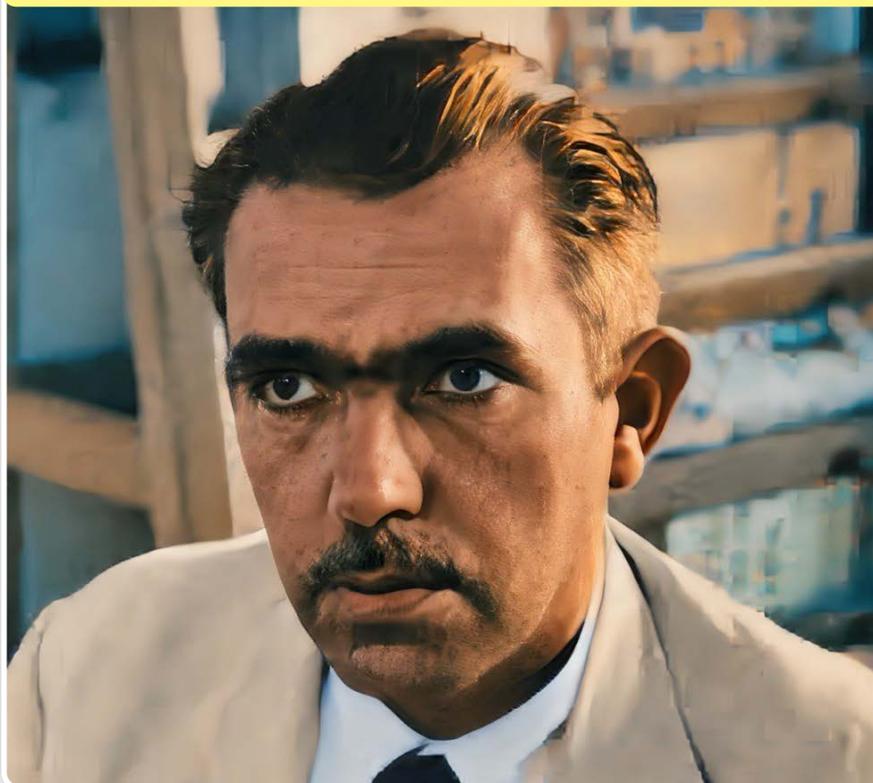
3) Como você enxerga a poesia?

Fala-se muito em mistério poético; e não faltam poetas modernos que procurem esse mistério enunciando coisas obscuras, o que dá margem a muito equívoco e muita bobagem. Se na verdade existe muita poesia e muita carga de emoção em certos versos sem um sentido claro, isso não quer dizer que, turvando um pouco as águas, elas fiquem mais profundas...

4) E o coração inquietante do velho Braga?

É duro confessar isto, mas é preciso forrar o coração de dureza, porque não sabemos se tudo isso é

Se o Sabiá aqui estivesse, quiçá com mais de um século de vida - teria aniversariado há pouco, no último 12 de janeiro, celebrando 112 anos - o que ele nos falaria? De certo a modernidade o assustaria, para dizermos pouco. Talvez o deixaria ainda mais taciturno. Nesta edição da nossa Folha Literária em homenagem à 350 lembrança de sua morte, ocorrida em 1990, compilamos trechos dentre inúmeras de suas crônicas (a maioria da década de 1950 e 60) para uma entrevista solta. Descompromissada. Rubem Braga, que tanto amamos e admiramos - cronista maior que é da língua portuguesa - mostra que o amor é a essência da existência. Que, conforme suas palavras, possamos honrar e mostrarmos-nos humildes perante esse sentimento. Seus pensamentos e visões da vida, mais de sete décadas depois, são mais atuais e humanos do que nunca.



o fim de uma era ou o começo de uma nova era mais desolada e difícil de suportar.

5) Tem saudade de seus passarinhos?

A verdade é que não posso mais falar de aves: dei meus passarinhos. No fim eram apenas um casal de canários e um corrupeirão. Faço muitas viagens curtas e achei que a empregada não cuidava deles bastante bem na minha ausência; mesmo que os cuidasse não lhes fazia companhia, pois mora longe. E o prazer de minhas pequenas viagens era estragado com a lembrança do corrupeirão tristemente

trancado em uma sala o dia inteiro, sem ter com quem conversar, ele que é tão animado e tagarela.

6) Sua vida é permeada de verdades, dizem.

Não pretendo ser dono de nenhuma verdade absoluta. Não aceito dogmas. Pessoas de boa-fé podem discutir qualquer assunto objetivo com toda a clareza. Por que me bombardeiam de adjetivos e não mostram nem um argumento sequer?

7) E como encarar a maturidade?

Se a velhice tem alguma coisa abençoada

é permitir essas amizades realmente isentas de malícia. Sentimento tranquilo, sem ciúme. Mas ainda assim com uma delicadeza toda especial, com um sabor lírico muito leve.

8) Qual foi a sensação de subir novamente os degraus de sua antiga casa, na 25 de Março, em Cachoeiro?

É extraordinário que eu esteja aqui, nesta casa, nesta janela; e ao mesmo tempo é completamente natural, e parece que toda minha vida fora daqui foi apenas uma excursão confusa e longa: moro

aqui. Na verdade, onde posso morar senão em minha casa?

9) E qual é seu ideal como cronista?

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse - “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse, rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria - “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

10) Enfim, por que o amor é tão explícito em suas crônicas?

O grande milagre que ainda acontece é o amor. No meio da vida cheia de tanta encrenca, tanta coisa triste, e sofrimento e doença e lutas mesquinhas, ele aparece de repente e não se sabe como. Aparece como um pássaro que pousa em nossa janela e começa a cantar. Nasce da sombra e da luz, de tudo e de nada, e é sempre novo, trêmulo como flor na brisa, virgem como a espuma perdida no mar oceano. Honremos o amor. Sejamos humildes perante o amor. Ele é o grande milagre verdadeiro da vida, o grande mistério e o grande consolo.

Trechos extraídos das seguintes crônicas:

1) O Padeiro - 27 de abril de 1969; 2) O Morador; 3) O mistério da poesia; 4) A traição das elegantes; 5) O Gavião; 6) Um fato; 7) Um cartão de Paris, 1990; 8) Em Cachoeiro, 1947; 9) Meu ideal seria escrever, 1967; 10) Amor, etc, 1955

O Sabiá, LÁ E CÁ

Um passeio pelas crônicas de Rubem Braga, e o desejo de dialogar com o mestre

Gracinha Neves
Cadeira 23 da AEL

Eu desde criança, ouvia falar da admiração de muitos pelo escritor Rubem Braga, quando frequentava o curso primário no “Grupo Escolar Irmã Maria Horta”, dirigido por minha mãe, a professora e educadora Hilda Figueiredo da Silva, que nos fazia ler os autores capixabas, inclusive o mestre dentre outros.

As professoras Dona Elza e Dona Conceição falavam muito do escritor. Na época, os alunos tinham contato com o Secretário de Educação, Dr. Bolívar de Abreu, que nos visitava frequentemente; coincidentemente cunhado do autor. Os seus filhos, nossos vizinhos também estudavam na mesma Escola. Nós éramos moradores do bairro Praia do Canto, local do Grupo Escolar, onde permanece até os dias de hoje. Eu passava horas mergulhada nas leituras de suas crônicas, cheias de beleza e ironia, expostas na pequena biblioteca do Grupo e, maravilhada com o palavreado que mal entendia, pois sentia um sabor poético invejável. Rubem Braga foi com certeza um dos grandes escritores dos últimos

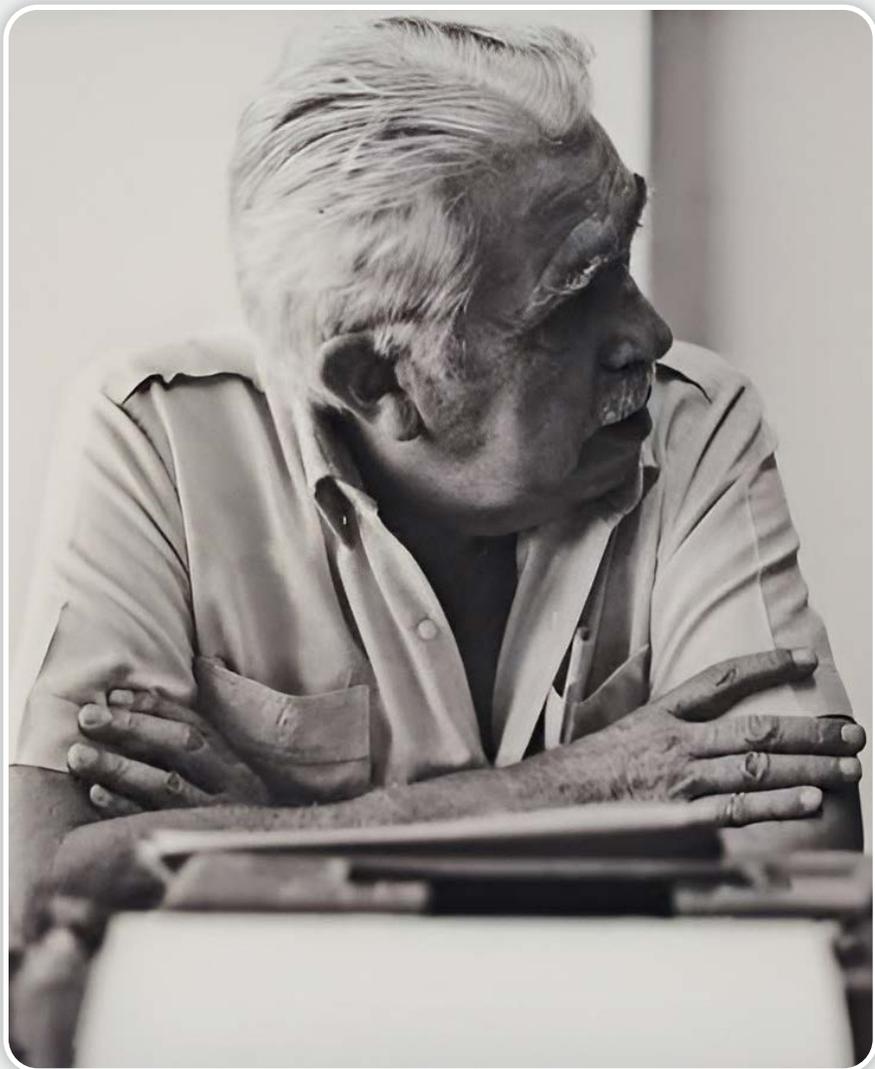
tempos, um dos mais importante da literatura capixaba. E assim, passados alguns anos...

Em 12 de fevereiro de 1982, tive a honra e a felicidade de conhecer de perto o grande escritor, durante o lançamento do livro “Uma Viagem Capixaba de Carybé e Rubem Braga” numa realização do Departamento Estadual de Cultura do ES (DEC).

Eu sonhava em conhecê-lo e este dia havia chegado. E foi então, que me dirigi ao mestre quase sem voz e branca como neve, porém sem graça, mas plena de emoção!

Indaguei ao mestre, se poderia tirar uma foto com ele, e, um tanto sisudo se colocou meio de lado e respondeu com a cabeça, me dando a entender que sim. Fui logo fazendo pose e me coloquei entre os dois autores mais célebres da noite, no majestoso salão São Tiago do Palácio Anchieta.

Eu então me senti mais atrevida e perguntei se ele tinha saudades do tempo de infância, em Cachoeiro de Itapemirim!?...Ele fez um aceno de mão, e senti uma atmosfera saudosista marcada por muitos momentos em que ele viveu, conforme eu já conhecia algumas histórias contadas por Afonso Abreu, seu sobrinho, filho de Dona Gracinha, irmã de



Rubem Braga, que os dois estavam presentes naquele evento.

A fila dos autógrafos foi ficando cada vez mais extensa, e eu fui me afastando lentamente, em sinal de já ter chegado ao máximo da emoção, causada por ter estado perto de um dos meus ídolos.

Nesta *Folha Literária*, organizada pelo cachoeirense Romulo Felipe, vou sonhar e saudar fazendo um passeio literário, transcrevendo pequenos trechos das crônicas do livro *A Borboleta Amarela*, publicado entre janeiro de 1950 e dezembro de 1952, numa fase em que o autor viveu entre a França e a cidade do Rio de Janeiro.

“O estrangeiro (Paris, abril 1950)”, cuja leitura me fascinou, dando-me a sensação de estar entrando no contexto e me envolvendo nos ares tristes e frios dos dias parisienses. Expôs o

nosso Rubem Braga...

Eu acordara cansado e triste; sai para a rua, o céu estava cinzento e sujo, e um vento frio me atacou na esquina. Em qualquer outro dia isso não teria importância, mas não deviam ter me dito que este era o primeiro da primavera. Bonita primavera me oferecem os senhores! Tive vontade de gritar ao povo de Paris; mas fiquei em silêncio, comendo sozinho no fundo de um velho “bistrô”. [...] Pode-se criticar de muitos modos a cidade de Paris, mas acho indiscutível que é uma boa cidade para se falar sozinho na rua, mesmo em português. [...], mas que importa um homem, e o que ele pensa? Nem as nuvens do céu nem as de meu peito impediam que a primavera estivesse na verdade desenvolvendo seus mistérios; ela agia, [...]

Reporto-me aos dias em que o frio chega a zero grau, e que

para uma brasileira, a sensação térmica é ainda mais forte com temperatura extremamente baixa. A cidade luz, a bela Paris, ainda hoje não é tão diferente daquela vivida pelo autor, as temperaturas frias nos transportam causando-nos a dor da saudade, mesmo na Primavera, quando as flores desabrocham em cores matizadas, com o brilho do sol opaco e triste.

Nos tempos longínquos, eu já me sentia filha da terra parisiense, estudando no Colégio “Sacré Coeur de Marie” quando me encantei com a língua francesa e sua cultura, vivências imaginárias de uma jovem adolescente, influenciada pelas freiras francesas, professoras no Colégio.

Passados mais de sessenta anos em que Rubem Braga viveu na cidade parisiense, vislumbro Paris, envolvida em seus mistérios... percorro

emudecida as ruas da cidade à procura do sol de nosso Brasil, o nosso calor humano, sem hora marcada e sem protocolos. O sol que reflete singularmente no verde de nossas árvores. Cresci, segui os rumos da vida e, levada por impulsos, decidi vivenciar esse antigo amor e admiração por Paris. Ao acordar na cidade luz, em uma manhã primaveril, abro os olhos e procuro o céu... mas o encontro tão cinzento e feio, que me faz triste... A saudade aperta, um nó na garganta me sufoca e procuro imaginar um céu sem nuvens plúmbeas no despertar de um novo dia, esperando o despontar do azul de anil.

Relendo uma outra crônica, que se passou nos dias também frios de Paris, Rubem Braga relata tempos vividos naquela cidade, distante da sua Cachoeiro, beira rio e quente, instalado numa casa obscura e gelada. Em algumas vezes recheada de amigos, e inesperadamente, se vendo só, com muita solidão. Eu vejo-me acolhida em casa com muitos aquecedores na atualidade e imagino o seu navegar por uma casa triste e mórbida... em "A navegação da casa" (Paris, abril, 1950):

Muitos invernos rudes já viveram esta casa. E os que a habitaram através dos tempos lutaram longamente contra o frio entre essas paredes que hoje abrigam um triste senhor do Brasil. [...] Chamei amigos para conhecer a casa. [...] eu vou ternamente misturando aos presentes os fantasmas cordiais que vivem em minha saudade. Quando a festa é finda e todos partem, não tenho coragem de sair. Sinto o obscuro dever de ficar só nesse velho barco [...] eu disse que os moradores antigos lutaram duramente contra o inverno, através das gerações. Imagino



os invernos das guerras que passaram [...] O inverno voltou de súbito, gelado, com seu vento ruim a esbofetear a gente desprevenida pelas esquinas. Hesitei longamente, dentro da casa gelada: qual daqueles aparelhos usaria? O mais belo, revestido de porcelana, não funcionava, e talvez nunca tivesse funcionado; era apenas um enfeite [...]

Paris em várias estações do ano e, nos dias de inverno, eu sempre procuro enfrentar o frio, utilizando capotes pesados, mas internamente o frio da saudade jamais é aquecido!

De repente, leio a crônica Ruão (Paris, setembro, 1950), que em francês é Rouen, a bela Catedral da Normandia. Sinto-me, então como se estivesse sofrendo ao lado do escritor, que lamentavelmente a encontrou fechada.

É preciso ter paciência com as catedrais; Monet o sabia; entretanto Verlaine as acusava de loucas. Devemos percorrê-las carinhosamente, de passo humilde e guia na mão; e depois voltar em outra hora e perambular em suas

sombras. [...] Rondei vagamente sob a chuva, só, na tarde escura, o monstro escuro. [...] Quando Chegamos perto começou a escurecer e a chover, e a catedral estava fechada. [...] A chuva é mais forte. Escondo-me sob um toldo. Olho ainda a catedral já noturna; a água despenca das gárgulas e chora nas pedras negras. [...]

Entro no texto e reconheço o seu olhar para uma das mais belas catedrais da França. Lá estive em Rouen, deslumbrada e percebi que é realmente indescritível a obra de Monet que a interpretou em quadros durante dias e noites nas diversas fases da claridade com brilhos transparentes e opacos. Um amor infinito, que fez Monet se prostrar diante de tão bela obra arquitetônica. Em seus quadros, as sombras cobrem a catedral ao cair da tarde. Momentos indescritíveis, fazem-me perder o fôlego e, em um único piscar de olhos, percebo a existência de Deus... vejo-me atônita e sinto que vendo a Catedral de perto, constato o que Monet presenciou... Eu busco dentro de mim

mesma, a fé! Tudo é místico, e me parece eterno!

No olhar poético do autor, ele transmite em cada pincelada os traços da luminosidade do sol encoberta pelas nuvens... Lamento profundamente, o nosso escritor Rubem Braga não ter conseguido entrar na Igreja.

Nos múltiplos cenários e textos em que se desenvolveram as suas crônicas, Rubem Braga se revela em uma delas, o seu amor pela música clássica, expressando o romantismo de Beethoven, no período em que se instalou no Rio de Janeiro, época que era a capital do Brasil. Um pequeno trecho ele se expressa... em "Beethoven" (Rio, dezembro de 1952):

Teu reino não é o da Música. Sempre olhastes com certo assombro os que vão a um concerto como quem vai a um ato de religião e, afundados em suas poltronas, gozam e sofrem em silêncio, e se entregam a um mundo misterioso de sensações e sentimentos de onde emergem com olhos brilhantes, dizendo coisas estranhas. [...] "há um casal de sanhaços azulados) tens

vontade de agradecer e de pedir desculpas a esse homem rei de um mundo estranho, Ludwig van Beethoven, natural de Bonn.

Em muitas de minhas noites, o sono não vem, me viro e reviro, sinto frio...me cubro, descubro e me recubro, ligo a vitrola antiga do meu quarto, e ouço uma das sonatas de Beethoven. Fecho os olhos. Ao acordar, uma vontade imensa de sentar-me ao piano, para mostrar ao nosso escritor Rubem Braga, que além de entender um pouco de música clássica, sei tocar e também transcrever no papel, sentimentos em riscos e rabiscos, me passando por escritora...

Como ele não está mais entre nós, não posso lhe dizer pessoalmente, mas encontro nos meus arquivos a foto que me transporta para um período distante, em que tive a felicidade e o privilégio de conhecê-lo e ficar bem próxima do escritor de Cachoeiro de Itapemirim; a cidade localizada ao sul do Espírito Santo, que se fez conhecida no mundo, por muitos artistas para orgulho dos capixabas!

Uma viagem ao CENTRO DE VITÓRIA

Marcos André Malta Dantas
Cadeira 35 da AEL

São cinco horas, dia 14 de abril de 2025, na casa de Koskuszko Barbosa Leão, situado na praça João Clímaco, número 54, no centro da capital do Espírito Santo, sede da Academia Espírito-santense de Letras, sentado ouvindo a nossa presidente Ester.

Me veio um pensamento, em minha mente lembro de Jean Baudrillard. Imaginei um simulacro, se o que estava vivendo não seria uma realidade, dentro de uma realidade, uma hiper-realidade e que em breve voltaria para minha vida. E todos os presentes emitiam opiniões mil, sobre vários assuntos.

Também senti um pouco de Zigmunt Bauman, sobre a modernidade líquida, talvez a academia para alguns represente uma sociedade líquida, fluida, transiente e marcada pela instabilidade e incerteza. A reunião continuava intensa, com colocações vigorosas.

Interrompi algumas falas citando Jacques Derrida, o combate, a tirania das normas, a percepção das alienações políticas da linguagem e a luta contra a dominação dos estereótipos. Cada um tem a sua razão, tem a sua história, devemos evoluir, procurar os jovens e os velhos, partir de uma desconstrução, não ficarmos presos a uma meganarrativa, segundo Lyotard.

Vivemos de rótulos, esse é médico, não é letrado, deveria ficar somente dentro do consultório, partir de um princípio de classificação, torna-se uma tirania, quem seria escolhido para ser esse tirano, em classificar cada um? Devemos sempre ter a mente aberta e não ficarmos presos a rótulos e as classificações ultrapassadas.

Alguns aplaudiram, outros não, sabemos que a unanimidade é burra, não temos que agradar a todos, mas temos que respeitar as ideias. Alguns estão presos no passado, um passado de lutas, de classificações, como direita e esquerda, infelizmente não desconstruíram nada.

Terminou a reunião e feliz retornei para minha realidade, minha luta diária e feliz por entender que ainda existem locais de ideias. Apesar de não concordar com muitos, mas poder aprender e pensar. Vamos vivendo.



Olhar poético na MAGIA DO CIRCO

*Acadêmico Ítalo Campos realizou
exposição de arte em Vitória*

O escritor Ítalo Campos, que ocupa a cadeira 31 da Academia Espírito-santense de Letras, realizou com sucesso a exposição “Magia do Circo”, através de poemas e aquarelas, ocorrida em Vitória entre agosto e outubro de 2024. Seus trabalhos poéticos foram abrilhantados pelos quadros de Luís Keiper. A Casa Porto Artes Plásticas, no centro da cidade, homenageou Joyce Brandão, artista visual, pesquisadora, professora aposentada do curso de Artes Plásticas e Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Para resgatar o mundo mágico do circo, todo ambiente foi decorado com elementos circenses, desde

a entrada da Casa Porto e internamente com camarim e guarda-roupas. Durante o período foram projetados vídeos de 54 poemas, declamados por pessoas de todas as idades, do Brasil e do exterior, como Alemanha, França, Bélgica e Estados Unidos. Foram oferecidas oficinas de poesia e aquarelas para os participantes. A abertura da exposição contou com apresentação de artistas circenses e com o Homem Banda Capixaba.

“Esta exposição provocou e despertou em cada um que a visitou a criança poeta, a criança esperta, criativa e alegre, que todos carregamos”, revelou Ítalo. Nas palavras do consagrado artista plástico Luís Keiper, a exposição “teve vários

significados especiais para mim. Dentre eles, ter promovido intensa reflexão sobre as artes circenses ao longo da história das civilizações, em busca de explicação do fascínio inato das pessoas pelo circo. Isso, através da criação de sequência de ilustrações para as poesias do Ítalo, utilizando a técnica transparente e imprevisível da aquarela sobre papel”.

Os apaixonados pela cultura tiveram n’A Magia do Circo uma razão especial e duplicada para visitar e apreciar a exposição de poemas e aquarelas, durante mais de um mês e meio, na capital capixaba. O circo faz parte do imaginário popular, está arraigado na nossa cultura e tem o dom de encantar o público de todas as idades.

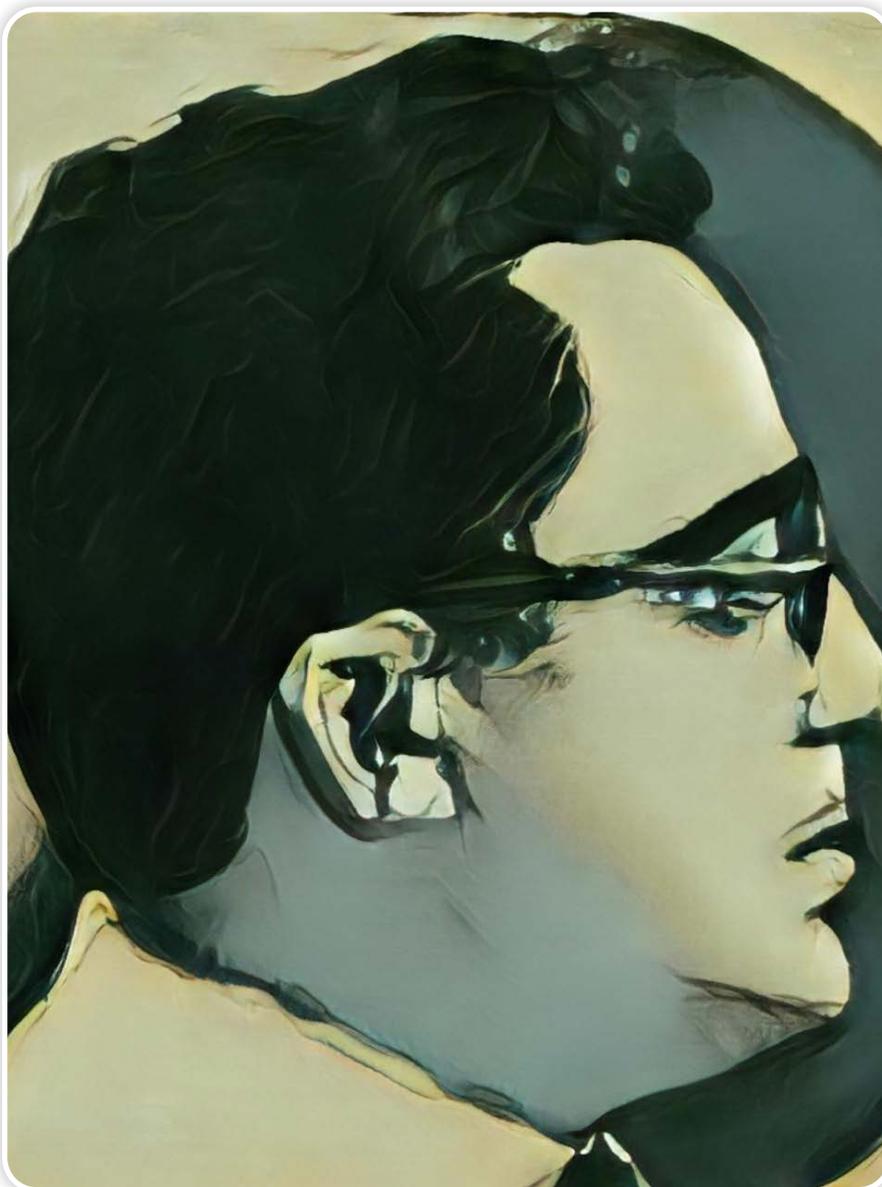
Apuros na ACADEMIA

Por duas décadas o 'beneventino' Eurípides Queiroz do Valle presidiu a centenária arcádia capixaba

Getúlio Marcos Pereira Neves
Cadeira 33 da AEL

Eurípides Queiroz do Valle foi o maior presidente que já teve a Academia Espírito-santense de Letras. Presidiu-a, com as graves responsabilidades do cargo, por longos 21 anos. Dirigiu-a e historiou-a, legando-nos dados preciosos para melhor compreensão da trajetória da casa nos seus primeiros tempos. Ao mesmo tempo presidia outras associações culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico, e de quebra o Tribunal de Justiça do Espírito Santo, magistrado de carreira que foi. Paralelamente aos escritos jurídicos, historiou acontecimentos e personagens do nosso estado, e mesmo hoje em dia contestado aqui e ali, os dados que compilou continuam servindo de referência para pesquisadores e curiosos.

Natural da então Benevente, homenageou a terra natal no pseudônimo que usou para produzir o melhor da sua obra literária: como Beneventino assinava as crônicas que publicava na imprensa da capital. Usava frases curtas para assim servir "aos poucos" o que ao leitor queria transmitir. Quem



quiser que consulte a "receita" usada por ele na sua escrita, revelada a pedido na crônica "Os temperos do estilo", de novembro de 1954.

Uma das mais saborosas de suas em geral saborosas crônicas (como a acima, também colecionada no seu *Micrólogos*, de 1968) é a intitulada "Na Academia de Letras", de julho de 1939. Contextualizemos:

recentemente reorganizada, saindo de período de inatividade que vinha desde 1930, Archimimo Martins de Mattos, artífice do reerguimento da casa, fora sucedido na presidência por Augusto Lins. Iniciara-se em 1938 um período de regularidade nas reuniões. Uma delas, em que teve atuação providencial, é que foi resgatada pelo

Beneventino do sono profundo que dormem as reuniões acadêmicas nos livros de atas.

Naquele dia, Colares Junior e Aurino Quintais debatiam sobre o propósito de transcrever-se em ata discurso pronunciado pelo ministro francês Daladier. O que acabou não acontecendo porque já então se evidenciava a inconveniência

de tratar de política numa casa de letras. Foi quando, intrépido, pediu a palavra Antônio Pinheiro para sugerir que então se transcrevesse em ata obra - evidentemente literária - de Machado de Assis, que vinha sendo homenageado à altura. Terá empalidecido o secretário Nelson Abel de Almeida, registrou o Beneventino. Salvou-o o próprio escriba, pedindo ao proponente, grande conhecedor da obra de Machado, que resumisse o que pretendia ver transcrito na ata. Indo a votação proposta e aditamento, acabaram caindo ambas. E, estando "salvo o dr. Secretário", sentença o cronista, "um suspiro longo e profundo foi ouvido." Para continuar: "À saída, abraçou-me comovido. É que já não tinha que transcrever em ata a coleção de Machado de Assis."

O que nos dá que pensar: se secretariar a Academia de Letras pode ser encargo trabalhoso, por vezes sofrido, acautele-se o nosso secretário. Por via das dúvidas, convém cultivar a simpatia de algum acadêmico de boa-vontade, como o era Eurípides Queiroz do Valle. Sempre pode ser de utilidade. E, por último, não tenham dúvida: para essas sacadas pode também ser útil a consulta aos anais da nossa vetusta Academia.

A surpreendente trajetória de José Coelho dos Santos: um ano antes da abolição da escravatura formou-se médico. Abolicionista e republicano, chegou à vice-presidência do Espírito Santo

João Gualberto
Cadeira 29 da AEL

O pensador alemão Max Weber afirmou em seus escritos que “A história é o lugar do milagre”. De fato, muito do que ocorre na vida das sociedades só se explica mesmo por algo milagroso. É a surpresa, o inesperado que muitas vezes nos atropela. Essa frase me veio à mente quando comecei a estudar a vida de um dos mais notáveis – e desconhecidos – políticos capixabas.

A pesquisa começou quando a professora e historiadora Adriana Campos me pediu para estudar os coronéis que foram deputados em nossa assembleia legislativa na Primeira República, entre 1889 e 1930. É um trabalho que estamos fazendo junto a uma equipe que tem outros nomes, no contexto da comemoração dos 190 anos da Assembleia Legislativa

do Espírito Santo. Ela é a organizadora de um livro que trata do evento comemorativo, e por sua solicitação comecei a analisar a história política do Dr. José Coelho dos Santos, que foi deputado constituinte em 1892, no início da nossa era republicana.

O Dr. Coelho dos Santos foi um típico político dos novos tempos que a república trouxe: positivista, maçom, abolicionista, republicano. Na lógica dos grupos políticos locais foi membro da corrente ligada à liderança de Muniz Freire, presidente do Espírito Santo de 1892 a 1896 e, depois, de 1900 a 1904. Os Munizistas foram responsáveis por uma nova pauta no desenvolvimento regional. Eram muito ligados à ideia do progresso, do avanço da ciência e dos processos de instalação de uma sociedade voltada para o que significava o sucesso material, a educação,

o urbanismo, a saúde pública, ideias para o Brasil que estava saindo do sistema escravocrata.

O mais admirável, o que o faz um milagre em nossa história política é um outro elemento da sua história: Dr. José Coelho dos Santos era preto. Médico formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887, em pleno período do escravagismo, portanto. Certamente não era membro de uma família pobre. Nascido em 1862 em São Pedro de Itabapoana, no Sul do Espírito Santo, era filho de um casal de negros. O pai - artesão, pedreiro e carpinteiro - conseguiu pela força do seu esforço comprar uma propriedade e educar o filho em boas instituições da região, inclusive em Campos.

Por sua sólida formação educacional foi aceito em uma faculdade na Corte e lá concluiu a sua graduação, com uma tese de doutoramento

sobre Paralisias Periféricas. Sim, doutoramento. Naquela época os médicos eram chamados de doutores porque precisavam apresentar e defender teses de doutorado. A do Dr. Coelho dos Santos tem 123 páginas e contém o que havia de mais moderno em seu campo de estudos no fim do século XIX. Ele foi, de fato, um homem da ciência.

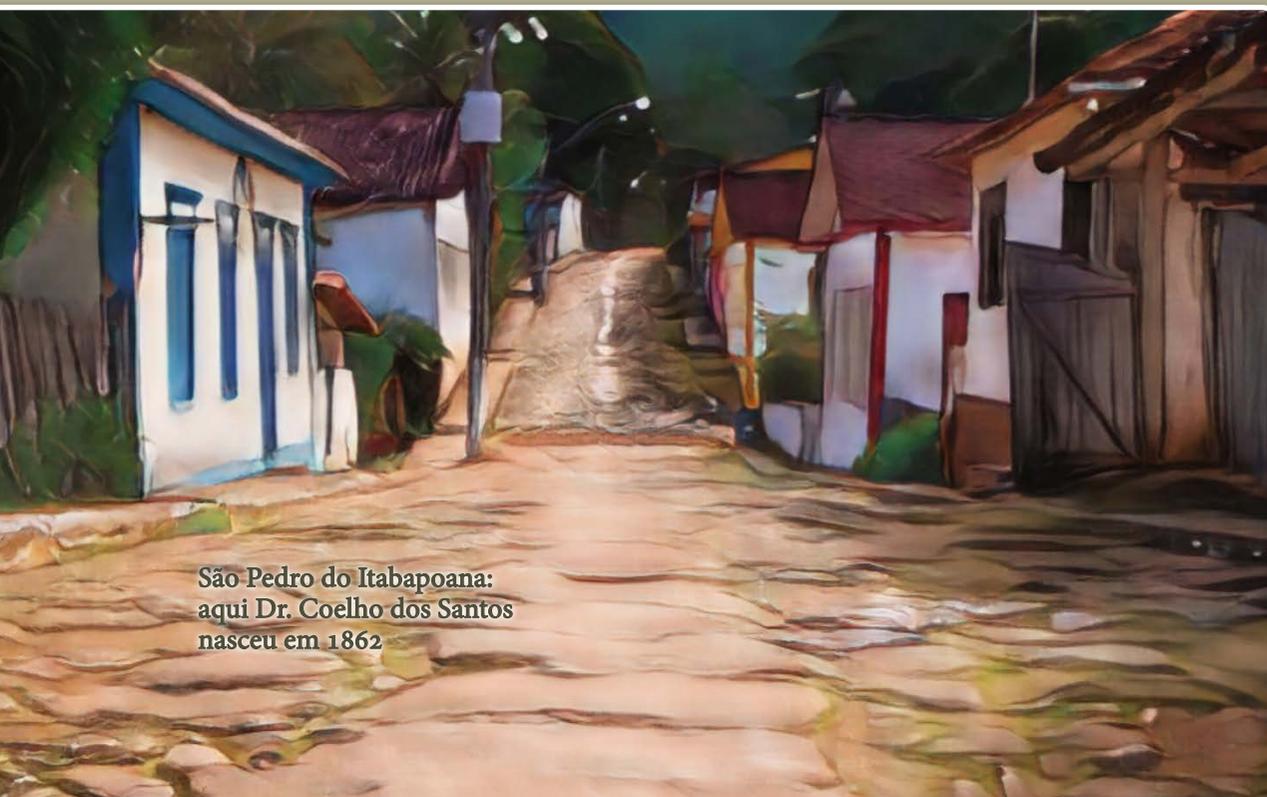
Apesar de não estar situado nos setores sociais menos favorecidos, tinha contra si toda uma construção racista que perseguia os de sua origem. Não é difícil imaginar os preconceitos que teve que superar em sua trajetória estudantil e profissional para se tornar médico e exercer sua profissão em um mundo onde os de sua origem andavam descalços, exerciam em sua maior parte atividades simples e manuais, sendo a maioria analfabetos. Aos escravizados não havia

o direito à educação, às consultas médicas, não estavam incluídos em nenhuma política pública. Os bem-nascidos os viam com maus olhos.

Ainda assim, o Dr. Coelho dos Santos concluiu o seu curso superior e voltou para clinicar na sua vila de origem, onde fez carreira como médico e cirurgião. Além disso, por sua formação, exerceu os cargos que correspondem hoje ao de vereador e de prefeito municipal por várias legislaturas. Foi eleito deputado constituinte em 1892 e por mais duas vezes deputado estadual. Foi ainda juiz de direito, delegado local da Saúde Pública, articulista e dono de jornal, além de major cirurgião da Guarda Nacional.

Por fim, terminou sua carreira política como vice-presidente do estado no mandato de Jerônimo Monteiro, eleito em 1908. Uma trajetória de muito sucesso para qualquer cidadão de seu tempo, e ainda mais para um ser humano que certamente não havia nascido predestinado a ter essa trajetória. Seguramente foi um ser humano excepcional.

A partir de 1910 mudou-se para Campos, onde passou a exercer a medicina. Lá também fez carreira de sucesso e prestígio, tendo sido venerável da maior loja maçônica daquela região em seu tempo. Para terminar, volto ao início: a história é o lugar do milagre, mas só para os fortes, só para os que acreditam em si e na força do destino. Homens como esse certamente merecem ser mais conhecidos e admirados.



São Pedro do Itabapoana:
aqui Dr. Coelho dos Santos
nasceu em 1862



Um médico, juiz e
político muito além
do seu tempo

O personagem **INESPERADO**



José Roberto Santos Neves
Cadeira 26 da AEL

A referência de UMA GERAÇÃO

*Alexandre Lima brilhou como
cantor, compositor, instrumentista e
agitador cultural dentro da MPB
produzida no Espírito Santo*

A primeira imagem de Alexandre Lima que me vem à mente é a do jovem de cabelos desgrenhados, estilo Robert Smith, do The Cure, tocando saxofone numa banda de rock. Era meados dos anos 1980, e Alexandre usava roupas escuras, batinas e todo aquele visual que remete ao movimento dark.

Quando se é adolescente, dois ou três anos de idade fazem muita diferença na vida da gente. Eu era mais novo e olhava com Alexandre com admiração antes de conhecê-lo pessoalmente. Ele fazia parte dos Combatentes da Cidade, uma das bandas mais influentes do rock produzido no Espírito Santo, juntamente com o Thor e o Pó de Anjo.

O filho de Marcão e Vera logo criou asas e se transformou no mais importante músico de sua geração. Seja nos Combatentes da Cidade, Gângsters, Manimal, Radio Experiencia, na

carreira-solo e em tantos projetos lindos que levam a sua assinatura, Alexandre brilhou como cantor, compositor, instrumentista e agitador cultural dentro da MPB produzida no Espírito Santo.

Idealizador do Manimal e do rótulo “Rockongo”, emplacou diversos sucessos radiofônicos, como “Água de Benzer” (com Amaro Lima), “Na Puxada de Rede” (Amaro Lima/Anderson Ventura) e “Marina” (com Renato Casanova e Jura Fernandes). Era Alexandre quem construía pontes com

o Cidade Negra, Tribo de Jah, Zé Geraldo e com tantos músicos que vinham se apresentar no Estado, ao mesmo tempo em que circulava com desenvoltura pelas gravadoras e pela produção musical.

Estive com Alexandre em diferentes momentos de sua vida. Como jornalista, fazia a cobertura dos seus shows e produções (ele sempre levava as críticas com o bom humor que era uma das suas marcas registradas – “fale mal, mas fale de nós”). Fui seu baterista, ainda que por pouco tempo, em um quarteto com Léo

Caetano e Leandro Moreira. Quem tocou com Alex sabe que era difícil se concentrar nos ensaios, pois ele fazia piadas o tempo todo. Meu querido amigo foi um dos principais colaboradores do livro “Rockrise” e, inclusive, assumiu o papel de mestre de cerimônias no lançamento da obra, mostrando a sua versatilidade enquanto comunicador. Também nos encontramos como gestores culturais; ele, em Vitória; eu, em Vila Velha.

Sempre com a mente fervilhando de ideias, o então secretário de

Cultura de Vitória, Alexandre Lima, sonhava criar o projeto “A Grande Vitória da Cultura”, unindo os municípios da Região Metropolitana em um potente corredor cultural. Infelizmente não houve tempo para colocar essa ideia em prática, mas ela segue viva juntamente com a sua obra.

Sinto muito a falta do Alex: dos nossos papos, do seu bom humor, da sua musicalidade, das conversas sobre música e gestão cultural... Assim como todos que o amavam, meu desejo era vê-lo despertar a qualquer momento e se dirigir a mim com aquele jeito gaiato que era a sua cara:

- Dagoberto, larga esse computador e vamos fazer um som - hehehe.

Pois é, meu amigo; estamos tristíssimos com a sua partida, mas conformados por saber que hoje vai ter festa no céu.

Prepare a nossa jam, porque, do jeito que você é amado, vai ter muita gente querendo garantir vaga nessa banda.

•Publicado originalmente em A Gazeta, em 28 de março de 2024, dia da morte de Alexandre Lima, aos 54 anos, em Vitória, após ficar mais de dez anos em coma, em consequência de um aneurisma da aorta sofrido em 2013.

Partindo da ascese do ser humano por meio do conhecimento, faremos resumidamente um paralelo entre o mito alegórico da caverna, de Platão, e a metafórica travessia de Riobaldo em Grande sertão: veredas (GSV), de Guimarães Rosa.

No mito da caverna, Platão cria seres humanos que vivem desde a infância numa morada subterrânea, acorrentados, imóveis, sem possibilidade de movimentar as cabeças. Pela fachada da caverna há uma entrada de luz proveniente de uma fogueira distante, colocada numa elevação do terreno. Entre a fogueira e eles, há um caminho ascendente coberto por um tapume semelhante àqueles usados para teatro de marionetes. Por ali passam homens carregando toda sorte de objetos. Os prisioneiros, sempre voltados para o tapume, veem as sombras dos carregadores projetadas pelo fogo e ouvem o burburinho externo. Habitados às silhuetas, consideram as sombras como objetos reais.

Se um deles fosse libertado, seria ofuscado pela claridade. Caso os objetos verdadeiros lhe fossem mostrados, seriam para ele menos reais do que os simulacros aos quais estava habituado. Ofuscado pela luz solar, não poderia ver nitidamente nenhum dos objetos, logo de imediato. Teria que se habituar aos poucos, olhando primeiramente para as sombras, em seguida para imagens das pessoas e dos objetos refletidas na água, e depois para o céu noturno, antes de mergulhar no esplendor do sol. A subida seria íngreme e exigiria grandes esforços. Ele lamentaria a sorte de

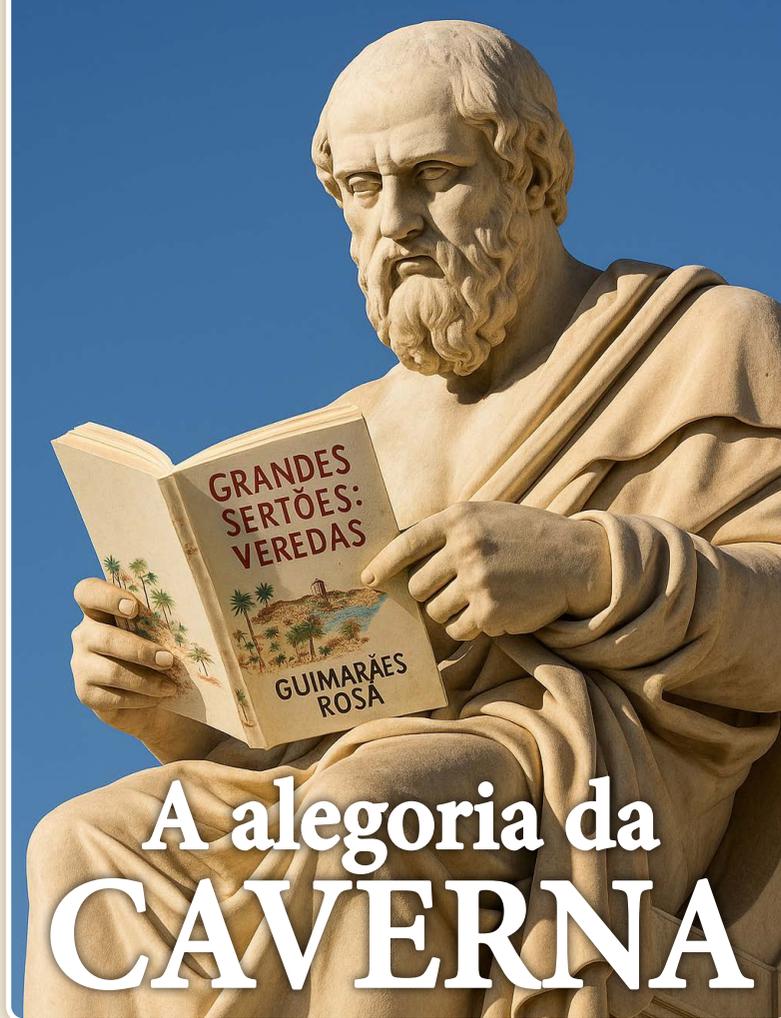
seus companheiros agrilhoados à ignorância e aos simulacros. Caso voltasse à caverna teria os olhos ofuscados pelas trevas durante bom tempo. Caso tivesse que formular juízo sobre aquelas sombras, após ter visto os carregadores à luz do dia, tornar-se-ia motivo de chacotas para os demais. Os presos concluiriam que a ascensão seria nefasta pelo fato de provocar a ruína dos olhos. Se alguém tentasse soltá-los e conduzi-los para o alto, recusariam firmemente. Poderiam agredir e até mesmo matar aqueles que tentassem tirá-los da caverna. Desconhecendo as luzes do saber, evidentemente prefeririam as trevas da ignorância.

Esse tipo de viagem ou busca do conhecimento é uma dolorosa ascese, que compreende esforço de reflexão, elaboração de julgamentos pessoais, estudo das ciências,

aprendizagem das abstrações, falta de repouso, nostalgia da tranquilidade perdida etc. A viagem, tema canônico na literatura, elimina as fronteiras, ultrapassa os limites do olhar e o alcance da imaginação. Geralmente a viagem é concebida como a travessia da vida (do conhecimento), com seus percalços e tropeços. No entanto, no romance de Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas (GSV) há uma diferença fundamental dessa idéia de homo viator como passante pelo mundo; homem e mundo não são coisas estanques; um não atravessa o outro; o mundo vai se concretizando para o homem ao longo da travessia.

Sabe-se que o cérebro do homo sapiens é um cosmos, com capacidades infinitas, o que lhe permite criar, abstrair, organizar-se socialmente e conviver com inúmeros paradoxos. Ainda, é

incapaz de descobrir o grande mistério da humanidade: sua origem e seu fim. No afã de decifrar esse enigma, surgem as religiões que, de algum modo, tentam apaziguar os espíritos angustiados e justificar, cada uma à sua maneira, essa questão crucial. Há os que não se filiam a religião alguma. Passam a vida peregrinando em labirinto próprio, temendo que por entre os dédalos a serem percorridos, possa haver algum minotauro à sua espreita. Buscam o sentido da vida, conscientes de poder perdê-la a qualquer momento. Todos carregam esse grande peso; a consciência da morte. Todavia, isso não impede a continuidade da busca. O desconcertante paradoxo da existência do Ser para a vida e para a morte (Eros e Tanatos) é o leitmotiv de toda a metafísica de GSV, em torno do qual giram os



Um paralelo entre o mito alegórico da caverna, de Platão, e a metafórica travessia de Riobaldo em Grande sertão: veredas

ANÁLISE

demais temas e brotam os filosofemas.

Voltando à alegoria da caverna, após ter chegado a uma região superior, apesar de não querer descer, o ex-prisioneiro é obrigado a voltar ao lugar de origem. Isto porque, em A República de Platão, os governantes, como o homem da caverna, devem passar por longa aprendizagem antes da volta, ou seja, antes de assumir funções políticas. Esse mito contém grande paradoxo. A dolorosa ascese através do conhecimento não conduz o ser à verdade suprema, mas o aproxima dela. Essa verdade pertence apenas aos deuses.

A recorrência de antinomias em Grande sertão: veredas e as indagações Riobaldianas são inerentes a todo ser humano e não apenas ao sertanejo. O tortuoso e difícil caminho da sabedoria, da verdade suprema, da busca do absoluto, por meio da narrativa rosiana, não tem fim. Destarte, o romance GSV começa pela palavra “nonada” e termina com a palavra “travessia”, acompanhada pela lemniscata ou símbolo do infinito.

Segundo o narrador de GSV, tudo pode ser e não ser. A obra é repleta de ambiguidades, a começar pelo próprio título. O termo “veredas” pode significar caminhos, assim como descaminhos.

Tanto para Riobaldo, quanto para o homem da alegoria da caverna, a vida apresenta-se como eterno aprendizado. Em busca do conhecimento, o ser humano, ambíguo por natureza, procura conhecer o mundo e a si próprio por meio de questionamentos, na tentativa de transpor as eventuais aporias da travessia existencial. Num percurso que vai se delineando aos poucos, o caminho se faz ao caminhar.



Meio século de **LITERATURA**

Para a presidente da AEL, a mulher segue conquistando espaços na cultura

Folha Literária:
Como surgiu o caminho da literatura em sua vida?

Ester Abreu: Creio que como o de todos os leitores: no despertar dos sentidos. Ou seja, vendo os pais lendo, ouvindo comentários das leituras, e saboreando primeiro o que ouviu, depois, o que leu nas histórias: os dramas, as amizades, as intercomunicações dos personagens, as descrições. Tudo entra na mente e se transforma numa salada de sonhos. Esse deve ter sido o meu passo inicial. Depois, veio o estímulo oferecido nas aulas de literatura com competentes professores que estimularam a ler as obras de ficção e as ensaísticas. Isto é, eles abriram o caminho para interpretar as obras lidas.

Aos 92 anos de idade você é um exemplo de produtividade e proatividade. Qual o segredo?

Tenacidade. Creio que o desejo de instigar o outro a ler ou a ver o mundo o que me agradou, ou desagradou, e a ter de volta a opinião do leitor, base de progresso - (esta quase não vem). Desejo de compartilhar. Creio que é isso, mas muitas vezes estimulada por alguém que nem percebe que me disse algo e me faz produzir.

O que representa presidir esta instituição centenária?

Lembro-me agora de Cervantes, quando ao terminar a sua obra máxima, *Dom Quixote de La Mancha*, na escritura de Cide Hamete, o tradutor, sobre o falso criador da continuação da obra DQ, colocar que as façanhas do valoroso fidalgo, “não é carga para os ombros (do fingido tordisilhesco) nem assunto para seu resfriado engenho”. Pois é, eu sou a décima nona a presidir a

Presidente da centenária Academia Espírito-santense de Letras (AEL) e no auge das suas 92 primaveras de vida, a muquiense Ester Abreu Vieira de Oliveira meio século de literatura. Embora seu primeiro livro tenha sido publicado em 1980 (uma obra sobre exercícios e verbos espanhóis), a mestra e doutora, e professora emérita da Ufes, apaixonou-se pelo universo dos livros ainda na infância. De lá para cá passou a colecionar um currículo literário respeitável: publicou 64 livros, além de 53 trabalhos lançados em congressos e uma infinidade de artigos e estudos em diversas línguas. Há cinco anos dirigindo a *arcádia secular*, Ester Abreu faz um balanço de sua lida dedicada à literatura e sobre sua gestão na entidade acadêmica fundada em julho de 1921.

presidência dessa Casa, precedida por excelentes presidentes. Estarei eu apta a esse encargo, eu, mulher, mais que octogenária, para executar um balanço dessa Real Casa das Letras do Espírito Santo com fidelidade? Eu que, depois de 98 anos de fundada, aceitei o convite para a Presidência dessa Casa de Imortais do nosso Estado, e sendo eu, tão somente, a segunda mulher a exercer esse cargo, pois o primeiro foi exercido por Maria Helena Teixeira, no período de 2002 a 2004, depois de 81 anos de fundada a AEL? Mas, com o auxílio Divino, tentarei explanar esse meu período de presidências, quase seis anos, desde dezembro de 2019, período que extinguirá, se Deus ou permitir em dezembro deste ano.

Qual o balanço que você faz de sua presidência na centenária AEL?

Eu coordenei mais de 70 reuniões presenciais e on line, projetei e organizei projetos com participação da diretoria e de acadêmicos, compartilhei nas assembleias de posses de novos acadêmicos decorrentes da perda de alguns, em concursos literários, em publicações literárias da instituição, em cerimônias várias em nossa Casa, e em

outras, em Vitória, em nosso Estado e fora dele a convites para representá-la. Também, fiz parte nas sessões comemorativas do centenário da AEL, durante o período crítico mundial o da Covid. Participei de colóquios nos recebimentos de alunos de colégios da Grande Vitória e de outros municípios do Estado. Essa presidência procurou cuidar de conservações pontuais do edifício e de duas mudanças estatutárias. Recentemente AEL está com um aceno para melhorias futuras da sede, o que será um avanço para a cultura do Espírito Santo e um marco para a parte do Centro Histórico de Vitória.

Qual o papel da mulher nos dias atuais no meio literário? A sociedade as valoriza?

Ainda há os misóginos, mas pouco a pouco, a mulher vai sendo valorizada por seus dotes culturais, e vai ganhando terreno até nos prêmios literários e sendo acolhida em cargos importantes. Lado a lado dos homens se encontram atuantes nas Academias de Letras.

Como você analisa o papel da AEL para a cultura capixaba?

A AEL tem em mira a eternidade. Para isso exerce o papel principal de aprimorar, incentivar e preservar

a cultura literária do ES. Seus pares, que são capixabas, ou moradores há mais de cinco anos no EES, utilizam de seus trabalhos escritos para a imortalidade, instinto de conservação da vida literária. A AEL destaca personagens significativos da literatura do ES com homenagens, palestras, e artigos. Ela colhe os escritos de seus pares para consolidá-los. Para fortalecer o crescimento literário da escrita produzida no ES, ela tem a palavra escrita em suas revistas acadêmicas e nas publicações de suas coleções literárias, e em registros no seu site ael.org.br. A AEL procura despertar leitores para as produções literárias para que as gerações presentes e futuras desfrutem da produção literária. Todo esse arsenal é que faz a eternidade.

E o crescimento dos nossos autores?

As notícias de prêmios literários, os blogs, os ensaios, as crônicas em jornais, periódicos e revistas, e os vários lançamentos mensais são provas do aumento da produção literária dos acadêmicos e dos e das capixabas.

O livro impresso, na sua visão, vai manter-se firme nas próximas décadas e séculos?

Não temos o poder de visualizar o futuro. Já faz algum tempo

que se questiona essa preservação do livro. Mas ele vem crescendo e, ainda que surjam muitos livros digitais, os impressos persistirão: ele fazem parte da história da humanidade.

Quais autores você mais admira e influenciaram a sua trajetória?

Foram muitas décadas de leitura e em cada uma houve alterações. Nos primeiros passos de introdução à leitura, amei os contos infantis e tentava teatralizar as histórias. Depois passei para ler e reler todas as obras de Alencar. Li várias vezes e sonhava com os personagens de *O tronco do Ipê* e *Iracema*. E assim foram devoradas as leituras de obras românticas e todos os livros de M. Dely. Ainda que lia, também, obras de autores brasileiros e estrangeiros, voltava a reler os de José de Alencar. Depois tive outras leituras de cabeceira, seja em obras dramáticas, em romances e ou em poesia, mas sempre mudando, de tempo em tempo. Porém, nas obras poéticas dos escritores espanhóis - Lorca, Machado e Juan Ramón Jiménez - perdura a busca.

Fale de sua paixão por D. Quixote, como grande estudiosa e colecionadora da obra de Cervantes.

O primeiro livro que li todo sobre esse fabuloso personagem, era em espanhol e eu nada sabia do idioma e o dicionário era o recorrente para a compreensão. Mas nele havia ilustrações de Gustavo Doré, que me ajudavam também. Depois foram muitas as leituras. E cada uma me levou a um caminho de aprendizagem da vida.

Deixe-nos uma frase que você carrega no coração e na vida literária

Minha gratidão aos alunos que, sem saber, me estimularam a procurar o saber.

Sérgio Aboudib
Cadeira 36 da AEL

Deus, ah, Deus, adeus
Por que não deusa?
As mulheres são mais equilibradas,
sensíveis, responsáveis.
Tudo que um Deus precisa...
As religiões, de maneira geral,
não admitem sequer discutir
essa possibilidade.
Aliás, por que tantas religiões?
Quem estará certo?
Os católicos apostólicos
romanos ou os evangélicos?
Destes, os tradicionais,
luteranos, presbiterianos,
batistas, ou os pentecostais?
Os muçulmanos xiitas,
islamistas, ou os judeus
sefarditas? Os orientais
ortodoxos? Os bizantinos?
Os hinduístas ou budistas?
Xintoístas? Anglicanos?
Hare Krishnas?
Será que a verdade estará com os
espíritas? Kardecistas?
Umbandistas?
Ou estará com os ateus?
Ou agnósticos?
Simplesmente materialistas?
Ou ainda com o sincretismo
religioso da católica apostólica
baiana, onde os santos da igreja
europeia tem o seu espelho nos
orixás africanos?
Para os índios, Deus era o sol, a lua,
o fogo, o mar, o trovão, a natureza.
Tudo que não se explicava. Ou o
que eles não entendiam.
O avanço da ciência levou Deus a
uma fortaleza inexpugnável do
sentimento humano.
"Eu sinto Deus". Como confrontar?
Para que confrontar?
Ah, mercadores de homens e de almas,
passais dos limites, tem hora...
Embora vários sejam salvos a cada hora...
Cada religião tem a sua explicação,
dogma, conceitos.
Todos baseados na fé, que tem a força de
um fio de água. Frágil,
mas impossível de ser rompido.
Difícil me definir...
Onde meu coração crê emocionado,
meu cérebro duvida com certeza...
Minhas mãos se unem em oração,
portando o terço,
seja ele católico, bizantino,
grego, libanês, masbaha.
Minhas pernas me distanciam dos altares.
Sou um pouco de tudo, o que completa
a infinitude do nada.
A solução? Solidariedade e respeito,
com dignidade, sem exploração.
A deusa que habita em mim,
reconhece e respeita a deusa
que habita em vosmecê.



A biblioteca MUNICIPAL

*Parceira da AEL, a BM Adolpho Poli
Monjardim foi inaugurada em 1941*

Vem de longa data a parceria da Biblioteca Municipal Adolpho Poli Monjardim, em Vitória, com a secular Academia Espírito-santense de Letras. É neste universo literário, um casarão localizado no largo histórico da Cidade Alta, que diversos livros dos acadêmicos são lançados - incluindo as obras conveniadas com a Prefeitura de Vitória, através da secretaria municipal de Cultura.

Inaugurada em 1941, por meio do Decreto nº 943 de 29/07/1941, a Biblioteca Municipal Adolpho Poli Monjardim tem um acervo de mais de 23 mil obras nas áreas de literatura nacional, estrangeira e infantil,

incluindo obras em Braille e Audiolivros, Direito, Sociologia, Geografia, Matemática, História e Artes, entre outras. É vinculada a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vitória.

Em 29 de julho de 1941, o prefeito Américo Poli Monjardim instituiu, por meio do Decreto nº 943, a Biblioteca Municipal, atendendo aos apelos do Instituto Nacional do Livro por intermédio da Academia Espírito-Santense de Letras.

Em 2 de dezembro de 1941 a Biblioteca foi aberta ao público, na Avenida Capixaba, 204, com um acervo de aproximadamente 2.000 exemplares, mobiliário moderno, sendo Paulo da

Rocha Freire o bibliopinacotecário e Alfredo Costalonga, o bibliopinacotecário auxiliar. O nome da instituição é uma homenagem ao romancista, historiador e geógrafo Adolpho Poli Monjardim, nascido em Vitória, em 16 de setembro de 1903 e falecido em 6 de junho de 2003, aos 99 anos de idade.

A instituição realiza projetos para promover o incentivo à prática da leitura, como o projeto Viagem pela Literatura desde 1994. A Biblioteca Municipal Adolpho Poli Monjardim está localizada na Rua Muniz Freire, 23, Cidade Alta, Centro Histórico de Vitória. Funciona de segunda a sexta, das 8h às 17 horas.

Considerações a respeito do SONETO

*Uma análise sobre o papel dos
sonetos na história da literatura*

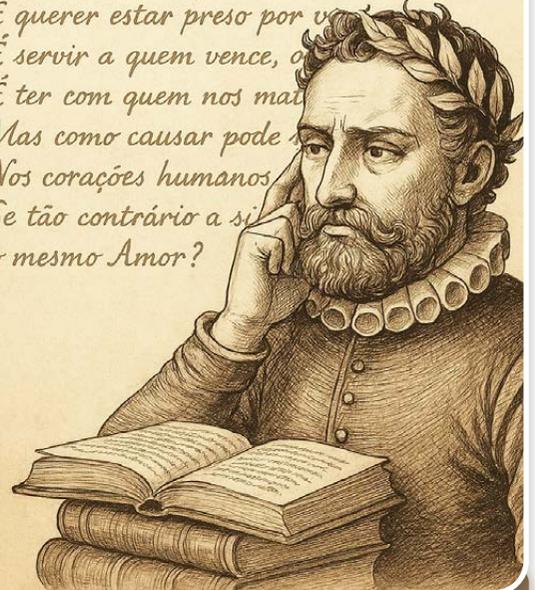
Fábio Daflon
Cadeira 37 da AEL

O poeta siciliano Giacomo Da Lentini (1210 – 1260) foi o criador do soneto. Francesco Petrarca (1304 – 1374) e outros cultores o teriam adaptado e formulado outras formas estróficas. Entre tais cultores, encontra-se Wilian Shakespeare, falecido em 1616, foi inventor do soneto inglês, composto por três quartetos e um dístico. Diferente do soneto petrarquiano, composto por dois quartetos e dois tercetos. No que tange ao soneto em língua portuguesa, foi Sá de Miranda (1481 – 1558) quem primeiro compôs sonetos. Na época do reinado de Felipe II da Espanha e de Portugal, Garsilaso de la Vega (1503 – 1536) foi o poeta renascentista conhecido por ter introduzido as formas poéticas italianas na literatura espanhola, tendo sido o primeiro sonetista espanhol. Garsilaso influenciou Luís Vaz de Camões (1524 – 1580). Luís de Góngora y Argote (1561 – 1627), também sonetista espanhol, influenciou Gregório de Matos (1636 – 1696), que é o primeiro sonetista brasileiro da história. Essa ciranda poderia continuar, se quiséssemos saber quem foi o primeiro sonetista capixaba, carioca ou baiano e etcetera. Geir Campos, em seu livro *Pequeno dicionário de arte poética*, nos dá uma boa definição do que é soneto “Composição poética de forma fixa,

contando quatorze versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos, com rimas segundo um esquema abba/abba/cdc/dcd, seguido por um dos seus maiores e mais antigos cultores que foi Petrarca. Sá de Miranda (1481 / 1558) foi o primeiro autor de soneto em língua portuguesa, acompanhando o modelo petrarquiano trazido por ele da Itália. Além de servir também como estrofe, em composições maiores (como a coroa de sonetos, por exemplo), o soneto admite vários esquemas rimáticos, inclusive o soneto inglês, inventado por William Shakespeare, formado por três quartetos independentes e um dístico, rimando às vezes abab/bcbc/cdc/ee. Também há sonetos de pé quebrado, entremeando versos e hemistíquios, e, modernamente, não se faz nenhuma exigência quanto as rimas.” Segundo Glauco Mattoso, como consta em seu livro *A teoria do soneto*, ele é “Definido como poema de catorze versos, o soneto tem comportado muito pouca variação para além ou aquém de seus dois moldes tradicionais: o italiano (sonetto), também chamado “petrarquiano” ou “petrarquino” (fixado por Petrarca) e o inglês sonett, também chamado “shakespeariano”, (fixado por Shakespeare) [...] sendo o primeiro dividido em dois quartetos e o segundo formado por três quartetos e um dístico.” Nem Geir Campos nem Glauco Mattoso, nos textos acima, fazem

menção ao soneto sáfico, Safo de Lesbos foi cultuada por Camões, a sáfica é o verso com acentuação nas quartas, oitavas e décimas sílabas métricas, esta última grave. Também segundo Glauco Mattoso: O mais radical experimentalismo sofrido pelo soneto foi o verso branco da poesia moderna, mas outras transformações têm ocorrido, tais como a ampliação para dezessete versos pela adição de mais um terceto ou “ESTRAMBOTE” (século XVII), a recolocação dos tercetos acima dos quartetos ou entre estes (século XIX), o metro irregular e a rima aleatória, no cânone clássico o soneto tem verso decassílabo e rima abraçada nos quartetos (ABBA/ABBA) e cruzada nos tercetos (CDC/DCC). Este molde é comumente designado como “camoniano” (fixado por Camões).” Os sonetos podem ser classificados pelas suas estruturas formais (sáfico, alexandrino, heroico e inglês; mas possuem também classificação temática: Glauco Mattoso sugere, de forma incompleta, não por falta de zelo do teórico e poeta, uma lista de modalidades temáticas com vinte e cinco tipos sonetos; citarei apenas dez: Soneto político, soneto amoroso, soneto podólatra, soneto feminino, soneto narrativo (muito praticado pelo sonetista capixaba Bith), soneto erótico, soneto macabro (eram duas caveiras que se encontravam,

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente,
É cuidar que se ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata a lealdade.
Mas como causar pode
Nos corações humanos
Se tão contrário a si
O mesmo Amor?*



No mundo, em 2024, as academias de letras lusófonas comemoraram o quinto centenário de Luís Vaz de Camões. A Academia Espírito-santense de Letras realizou uma série de eventos alusivos ao vate maior. Aqui abaixo transcrito está um dos sonetos do poeta épico e lírico.

*Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que para mim bastava amor somente.
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas, que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.
Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa que a Fortuna castigasse
As minhas mais fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!*

verso heroico), soneto, soneto silabado, que se caracteriza por poder ter versos que podem ser monossílabos, dissílabos, trissílabos até tetra decassílabos, quatorze sílabas poéticas. Se não mencionamos muitos sonetistas históricos, podemos dizer não termos esquecido de tantos. Viva Pietro Aretino, viva Manuel Maria Barbosa du Bocage, viva Florbela Spanca,

viva Glauco Mattoso (recordista mundial de sonetos produzidos), viva Matusalém Dias de Moura, Wilberth Salgueiro – o Bith, viva Geir Campos, viva Jorge Luís Borges, Joseph Brodsky e tantos sonetistas pelo mundo a fora. Se também errei todo o discurso dos meus anos, ainda assim, espero ter oferecido um panorama sobre a vida do soneto até ontem.

Com mais de meio século de criação, bairro da capital capixaba beija o Atlântico e agrega povos de várias matizes do país

Romulo Felipe
Cadeira 09 da AEL

Nas vãs madrugadas sepulcrais do meu bairro, a Mata da Praia, por pouco se quebranta o silêncio: basta, para o ouvido atento, sentir longínquo o apito do trem da Vale – ou os motores que derretem seus aços (um zumbido insistente e moribundo). Escuta-se de dentro de casa, se desejo for, o eclodir das ondas na vasta areia de Camburi. Tem mais. Há um ou outro agouro de ave noturna. E, noites sim e outras também, as vagantes ambulâncias avançam com suas sirenes tristes e ecoantes como em tempos pandêmicos.

Nos instantes que precedem a aurora, com as estrelas sucumbindo aos primeiros e tímidos raios diurnos, a orla mostra-se condensada pela névoa invernal. Vejo, bem além dessa faixa de praia, os tilintares dos navios mercantis assim como o lusco-fusco equidistante do Farol de Santa Luzia (tremeluzindo ora distante, ora perto). Há sinal de paz no horizonte da Mata da Praia.

O amanhecer do dia aqui tem um quê de diferente: carros agitam-se em direção ao centro desta velha capital, espalhados em seus cinzas metálicos carregando de

estudantes sonolentos a trabalhadores cansados, de antemão, pela nova rotina que se reinicia a cada dia. É o ciclo infundável da vida. Pontos de ônibus que chegam lotados de secretárias do lar, muitas delas trazendo contumazes alegrias em suas faces; outras, não mais que resquícios de dores.

A nossa Juju vem lá. Vejo-a de longe, em seu andar ágil e alumiado de felicidade. É o anjo aqui de casa, como há tantos outros que labutam nessas torres de tijolos, concretos, vergalhões e vidros. Mas nossa Juju, saibam todos, é peça rara e única. Ela tem a dom divino de cozinhar os nossos corações (herança dos ensinamentos gastronômicos do meu amor, a minha doce Svetlana...).

Mas voltemos ao bairro onde moro, com esse nome esbelto que tanto inspira a alma de seus moradores: mata e praia sincretizam esse nosso espírito capixabesco. Começou como uma fazenda, homônima, que quase foi loteada em parte na década de 1920; mas tornou-se bairro e tudo a partir de 1952. Sete décadas já. Era para ser uma ramificação de Jardim da Penha, mas foi além e ganhou vida própria.

Há uma série de praças devidamente arborizadas em suas ruas muito bem esquadrinhas. Uma



O silêncio da MATA DA PRAIA

delas, inclusive, leva o nome do saudoso Marien Calixte, um ícone da imprensa capixaba. Nas ruas adjuntas até mesmo os blocos de pedra resistiram às camadas asfálticas na retaguarda das duas quadras praianas de altos prédios residenciais.

Mas voltemos às manhãs da Mata da Praia. Perante o vai e vem desarmônico da Dante Michelini, temos adjunto às

areias amareladas uma quase multidão de andarilhos esportivos – em busca de alguma saúde e leveza no espírito. Inspiram o ar que tem ainda um resquício de sal do Atlântico, embora constantemente combatido pelo que ainda possa existir de pó de minério.

Algumas dezenas de homens e mulheres, de idades variadas, disputam bolas de beach tennis, de

futevôlei e de vôlei nesta parte da orla. Se há vento, corajosos rapazes deslizam por sobre as ondas ancorados em suas pipas (que chamam de Kitsurf). Canoas havaianas singram pelo mar que alterna âmbar e esmeralda sob o descerrar de nuvens ametistas. Meia dúzia de valentes robalos rompem as águas em saltos portentosos, seguidos de perto pelo voo suave e meticuloso



das fragatas.

Aqui os sinos da igreja não badalam – uma dessas bizarrices da modernidade. Se o fizessem, creia: logo seriam calados por moradores descrentes. Mas há fé infinda por aqui, precedida pelos raios da estrela da manhã que varam os vidros amoldados nas colunas da São Camilo. Lá me regozijo nas minhas preces dominicais.

Nas calçadas,

senhoras e aposentados fazem a tradicional caminhada matinal com seus cãezinhos, que urinam em pés de postes, árvores, muros e portões (tenham dó, vizinhos... há tanta aroeira em seus caminhos). Volta e meia são sobressaltados pelos motociclistas do Ifood, que cortam a calçada em desespero pela contramão.

A partir da segunda quadra, a vida urbana ganha outros ares

na Mata da Praia. Residências seguem firmes espremidas por alguns prédios. Mas são nas alamedas que o caos da cidade grande ganha algum sossego: basta uma andada por uma de suas calçadas orladas de arvoredos para ser contemplado com doces resquícios da vida no interior. Sequer ouve-se buzina de carro, para começar a conversa.

Pequenas praças foram concebidas

em quilômetros de alamedas. Nelas é comum avistar grupos de crianças, com seus pais ou as babás, sentadas no chão de cimento fazendo cantigas de rodas ou brincadeiras de outrora. O silêncio é rompido ou pela algazarra dos pequenos ou pelos cantos dos muitos pássaros. De sanhaços a bem-te-vis, de joões-de-barro a canários da terra, a passarada ama o

arvoredo das alamedas do bairro.

Aliás, delície-se de amora se estiver passando por ali entre setembro e novembro. E não se intimide, pois as árvores frutíferas – assim como as demais – são de todos. A própria população as plantou. Na primavera as flores e orquídeas saltam aos olhos. Tem de quase tudo. Colho, quando preciso, folhas de boldo para preparação de chá, excelente para limpar o fígado.

Mas nem só de silêncio vivem seus moradores. Claro que ser vizinho de um aeroporto internacional tem lá seus benefícios e incômodos, em principal nas decolagens às cinco da manhã ou nas aterrissagens por volta de meia noite. Mas aprendemos a conviver, e desfrutar, disso tudo. Assistir à aproximação dos aviões comerciais, quase que deslizando sobre as águas pacíficas do mar de Camburi – rumo à cabeceira do nosso glorioso aeroporto – faz parte da rotina do bairro.

E assim, entre a agitação urbana e os traços de paz interiorana, a Mata da Praia constrói sua história. Reunindo gente de todo o país e outras partes do mundo, mas que radica seus corações por essas bandas. Torna-se um local. Se falta comércio, e são poucos – duas padarias, duas ou três farmácias, além do sinhorzinho simpático que resiste com sua banca de revistas – sobra vida pulsante nesse pedaço da alma vitoriana.

O Mestre Álvaro, às nossas costas, é testemunho ocular. Isso posso lhes garantir!

Olhar sobre Clarice



O acadêmico Francisco Aurélio Ribeiro lançou, na sede da Academia Espírito-santense de Letras, na Cidade Alta, sua obra "A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector" - abrindo, em palestra,

um debate sobre os caminhos desse segmento literário no país. Nascida em 1920 na Ucrânia e radicada no Brasil, Clarice é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX.

40 anos de memória

A acadêmica Gracinha Neves comemorou, em duas obras literárias, quatro décadas ligadas às atividades educacionais e artísticas do Centro Musical Villa Lobos e pela Associação Cultural Ricardina Stamato no Estado. No primeiro volume estão contidas inúmeras atividades do Centro Musical Villa Lobos. No segundo volume, nos detemos mais nos eventos organizados pela ACRIS, Associação que ajudou a criar em homenagem à professora de piano, Dona Ricardina



Stamato. A obra "Uma vida de cultura no Espírito Santo - 40 anos

de memória" relata um passado de muitas realizações.

De "Sombras..." ao "O mais eu de todos..."

Obra do poeta e acadêmico Jorge Elias Neto apresenta novo livro de poemas, este "XXI - Sombras", obra significativa por fazer refletir sobre os tempos brumosos da realidade. "Em seu décimo primeiro livro de poemas, número significativo para quem começou a publicar em 2007, com "Verdes Versos", e acaba de lançar os excelentes "Manual para estilhaçar vidraças" (2021) e "A arte do zero" (2021);

prefaciou Francisco Aurélio Ribeiro. "É o próprio Jorge Elias, poeta-profeta, que nos prenuncia esse novo tempo: "O poema corre contra o sol nascente para que se espalhe a sombra dos homens sobre as cores da Terra". Em meados de maio Jorge Elias lançou, também, o e-book "O mais eu de todos em mim vive me desconhecendo", com versos do acadêmico e fotografias de Vitor Nogueira.

Memorandos para a tribo

Fernando Achiamé

COMSA

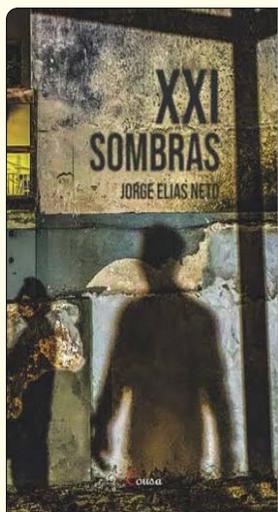
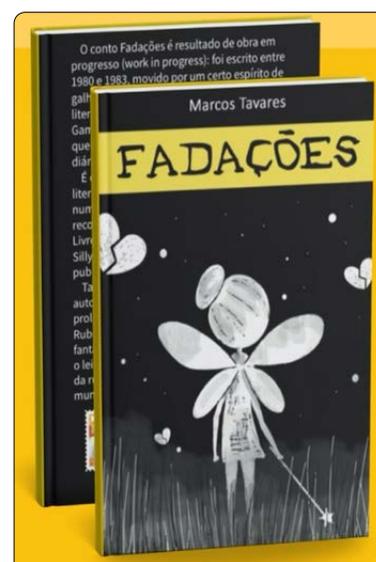
Memorandos para a tribo

Fernando Achiamé lança seu quarto livro de poesia, o "Memorandos para a tribo", com versos que guardam o que a mente não esquece. Os poemas, em sua maioria extensos, exigem leitores de boa vontade, dispostos a ler, reler, refletir, repensar,

mergulhar no texto e dele emergir por meio de outros textos e contextos. A linguagem de Achiamé, dinâmica e versátil, acompanha as mudanças de tom e humor ao longo de sua trajetória neste século XXI, segundo análise de Vitor Ceí.

As "fadações" de MT

Marcos Tavares, membro da AEL e dono de um texto precioso, lançou sua obra "Fadações": no reino do Rei Reinaldo, a sempre desaparecida fada Aparecida, em malogradas buscas ao Príncipe Princivaldo, vivencia muitas aventuras mágicas, deparando-se com inusitados personagens alheios à sua questão amorosa, dentre eles o híbrido Conde Mandrákula, em seu fantasmagórico castelo, e um "poemador" obcecado em números e letras. A obra, vencedora do primeiro lugar do concurso da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) em 1986, também foi classificada como "altamente recomendável" pela Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil (FNLIJ).



Mariposa noturna em veranico de maio

O acadêmico Anaximandro Amorim celebrou três décadas de de carreira literária com o lançamento do seu 11º livro, a obra “Mariposa noturna em veranico de maio”. O evento ocorreu no começo de maio deste ano, no Café Magá, no centro da capital, e teve a confeitira Bernadette Lyra capitaneando uma uma roda de conversa do autor.



Três obras de Jô Drumond

Josina Nunes Drumond, da centenária arcádia capixaba, lançou nada menos do que três obras literárias nos últimos meses.

São elas “A Trilhas do sertão - caminhos e descaminhos”, repleto de contos brasileiros; “Oferendas inúteis”, recheada de belíssimas

crônicas; e “Em busca dos elos perdidos - Uma família e muitas histórias”.

Oito biografias em 2 anos



O acadêmico Romulo Felipe escreveu, entre 2023

e 2025, oito livros biográficos (seis deles lançados no primeiro semestre deste ano). As obras são: “O Coronel Centenário”, “Retalhos da vida”, “Coração de Patriarca”, “Perfil de um líder”, “Winston, o legado do amor”, “Um amor maior que o mundo”, “O mercador do Norte” e “O enigma Ferraço”. A biografia política, de 600 páginas, narra a trajetória do mandatário em atividade mais longo do Brasil.



O acadêmico Sérgio Aboudib lançou em junho, no Horto Mercado de Vitória, sua oitava obra - o livro infantil “A lagarta e o menino”. Obra ricamente ilustrada por Thila Paixão.



Terra dos Viventes



Carlos Nejar, membro da Academia Espírito-santense de Letras, relançou sua grande obra “Terra dos Viventes”, originalmente publicada em 1979. O livro é caracterizado por uma visão poética da humanidade e da natureza.

Edições preciosas

Do acadêmico Pedro J. Nunes foram reeditados dois de seus livros mais conhecidos, “Vilarejo e outras histórias” e “Menino”. Em 2025 publicou seu romance inédito “Crônicas do amor desperdiçado”, que conta a história de um professor de literatura esgotado, descrente de sua atividade, um literato fracassado e ressentido.



Diário do Rock in Rio

José Roberto Santos Neves lançou o seu “Diário do Rock in Rio” contando os bastidores e entrevistas da terceira edição do maior festival de música do mundo através de seu olhar de jornalista. O evento ocorreu em 2001 e teve como palco o mítico estádio do Maracanã (foto de Daniella Spadeto).

De Anchieta à força das mulheres

A presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Ester Abreu Vieira de Oliveira, lançou no final de 2024 a obra “São José de Anchieta. Apóstolo do Brasil: poeta e dramaturgo”, sobre a vida do jesuíta fortemente ligado ao Espírito Santo. Com prefácio de Romulo Felipe. Em fins de maio a acadêmica apresentou ao público, na Praça Costa Pereira,

ao livro “Saindo da Sombra - A mulher em foco”, mostrando a força feminina destaca as produções literárias da mulher escritora, principalmente daquela que habita o Estado do Espírito Santo e atuações da mulher na sociedade com personagens femininas do período medieval e do século XIX.



Francisco Grijó
Cadeira 04 da AEL

Nesses tempos antitabaco, apreciar o fumo equivale a privar com Satã, porque fumantes, hoje, são vistos como energúmenos que precisam da urgente ajuda exorcista, que faz gente rodopiar e quase sair voando em cultos de algumas dessas igrejas evangélicas. Você já deve ter visto espetáculos desse naipe em redes sociais ou nas madrugadas da tevê. O consumo de cigarros virou a grande praga do século, algo equivalente à Peste Negra, que dizimou parte da população europeia há mais de 600 anos. O consumidor de charutos, em contrapartida, parece obter certa indulgência social. Não vejo ninguém criticá-los.

O motivo é, naturalmente, econômico — charutos bons custam caro —, mas deve-se observar também o fato de que se leva muito tempo para consumir uma unidade. Charutos comburem menos que cigarros, qualquer um sabe disso e, para o fumante ansioso, um charuto é algo contraproducente, não vale a pena insistir em seu consumo. Sem contar que sua fumaça não foi feita para ser tragada, e isso, para pulmões acostumados à nicotina, é desagradável. Mas inicie esse papo sobre tabaco porque li na Folha de S. Paulo, há alguns dias, uma pequena matéria sobre um escritor a quem muito admiro,

assim como admiro mais ainda o que ele escreveu: o romancista e cronista cubano Guillermo Cabrera Infante.

É bom que se saiba que Cuba não produziu apenas açúcar, tabaco e boxeadores. Produziu também boa literatura. Cabrera Infante

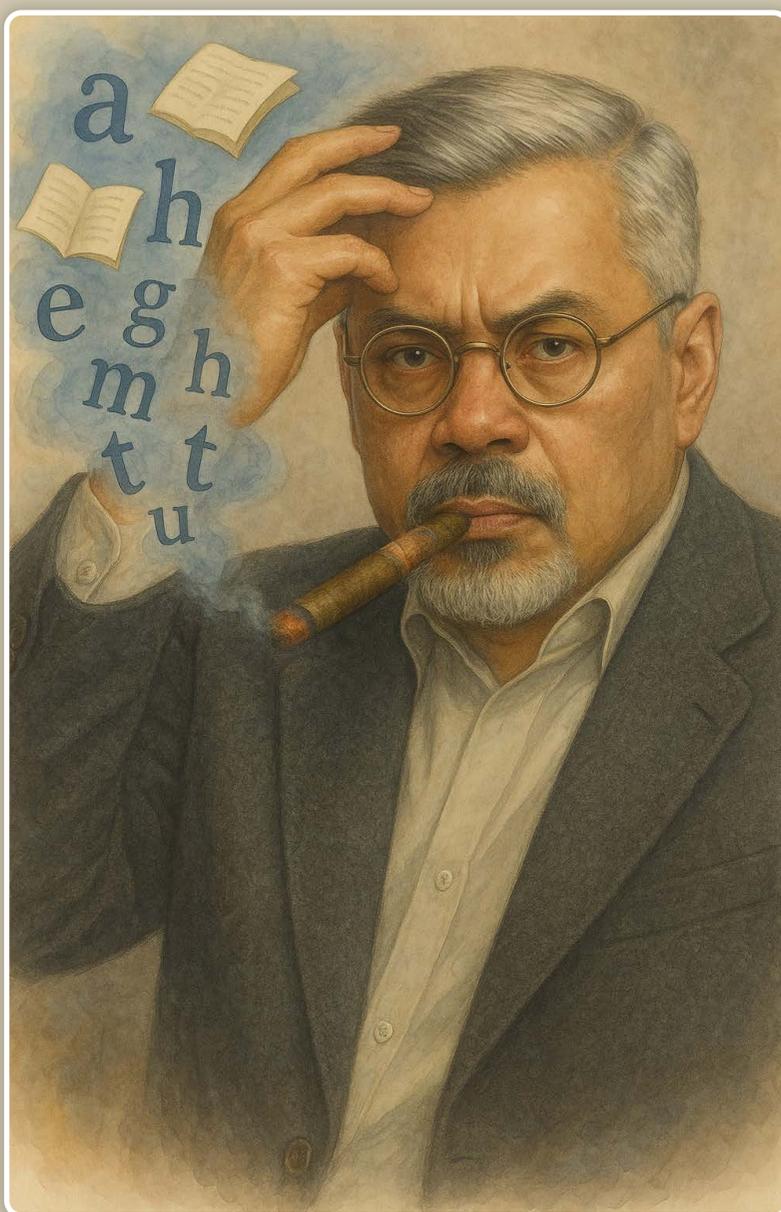
era um apaixonado por cinema, sendo ele o responsável pela organização da Cinemateca de Cuba, em 1951, oito anos antes da revolução que levou Castro ao poder. Algum tempo depois, rompeu com o governo e exilou-se na Europa — mais precisamente em Londres —, onde

ficou até morrer, em 2005. Mas o que Cabrera Infante tem a ver com tabaco? Simples: além de ser um grande apreciador de charutos, escreveu Fumaça Pura (Holy Smoke, originalmente), um livro tão saboroso quanto os cohibas que fumava diariamente.

É uma obra de

1985, mas só chegou por aqui vinte anos depois. Li-o aos poucos, na época. Para quem já leu Três Tristes Tigres ou Havana para um Infante Defunto, vai se surpreender porque a marca registrada do autor — os jogos linguísticos, os trocadilhos — aparece menos. Ele dá mais importância à opinião, além de fazer uma espécie de compêndio do fumo e dos fumantes através dos tempos, e, claro, sem se distanciar do cinema — que foi, em última análise, um grande difusor do fumacê. É sempre bom saber que muitos dos atores e atrizes da Era de Ouro hollywoodiana recebiam uma boa grana enfumaçar o écran. Os acordos entre os estúdios e as companhias de cigarros eram explícitos, e figuras como John Wayne, Clark Gable, Bette Davis, Humphrey Bogart e Joan Crawford levavam seu dinheirinho no acordo. Ninguém se opunha; todos apreciavam. A Anvisa dos EUA olhava para o outro lado.

Ao final da edição de Fumaça Pura, há um índice de filmes citados — o que dá uma amostra do que Cabrera Infante viu nas salas escuras. Um livro notável para quem gosta de ler e para quem gosta de fumar. Na capa da edição brasileira, o ator, escritor e comediante (e contumaz consumidor de charutos) Groucho Marx olha para cima — possivelmente para as elipses feitas pela fumaça que se esvai. O livro é um primor, mesmo que você considere o tabaco o mal do século.



Que tal um charuto, GUILLERMO?

Cuba não produziu apenas açúcar, tabaco e boxeadores. Produziu também boa literatura, como o romancista e cronista cubano Guillermo Cabrera Infante

Em Bula do quarto ano de seu pontificado, em 1918, o Papa Bento XV falou à Igreja no Espírito Santo, exortando e ordenando os capixabas a receberem “benevolmente” seu novo pastor, prestando-lhe “as devidas honras e obediência”. Falava do paulista Benedito Paulo Alves de Souza, que ele nos enviou como terceiro bispo do Estado.

Após festiva sagração em São Paulo, em 14 de maio de 1918 Dom Benedito tomou um vagão reservado do trem “Noturno” na estação da Luz, que estava tomada por autoridades e famílias mais importantes daquele Estado. De lá seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi recebido com festa. Depois embarcou no vapor “Brasil”, da linha Norte do Lloyd Brasileiro, rumo a Vitória.

Entre o Rio de Janeiro e Vitória, o bispo fez uma poética viagem marítima. O vapor veio bordejando a costa iluminada pelos faróis da Rasa, no Rio, depois o farol de Ponta Negra, o de Cabo Frio, o de Sant’Anna, São Thomé, São João da Barra, o da Ilha do Francês, da Escalvada e, finalmente, o farol do Morro do Moreno, na entrada da baía de Vitória.

Em Vitória, no dia 18 de maio de 1918, assim que o vapor começou a transpor

a barra, das ilhas adjacentes foram lançadas girândolas de fogos e uma multidão aguardava o bispo no cais Marechal Hermes. A bordo da lancha Nizia e outras embarcações, dirigiram-se ao vapor o presidente do Estado, Bernardino de Souza Monteiro, e outras autoridades, além dos cônsules de França, Bélgica, Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Portugal, Espanha e Holanda.

Dois dias depois, após a posse, o bispo foi recebido

em Palácio pelo presidente do Estado. Atento à ordem do Papa, de boa acolhida ao seu enviado, o presidente do Estado lhe ofereceu luto banquete. Serviu-se uma sopa de creme de galinha, empadinhas de camarão, badejo ao molho de alcaparras, coxas de frango recheadas a Parmentier, costeletas de porco à Catalana, aspargos à holandesa, peru assado à brasileira, fiambre d’York, creme chinez e doces variados, além de frutas, sorvete de creme a baunilha.

Vinhos Madeira, Sauternes, Chateau Margaux, Porto e champagne, café e licores.

O bispo passou a despachar no palácio episcopal, mas tinha à disposição uma chácara de verão no caminho do Suá, de frente para o mar, e já no ano de sua chegada começou a retribuir a acolhida. Reuniu mais de 300 pessoas, entre elas o presidente do Estado e as principais lideranças políticas e da Igreja capixaba para conclamar a todos que o ajudassem a realizar



BENDITO DOM BENEDITO

O bispo paulista que ‘herdou’ o Espírito Santo e foi um dos fundadores da centenária Academia Espírito-santense de Letras

ampla reforma da Catedral de Vitória. Formou uma grande comissão, que teve como presidente honorário o próprio presidente do Estado. Jovens organizaram espetáculos e sorteios, a sacolinha correu em muitas reuniões e celebrações, funcionários públicos contribuíram com quantia fixa mensal, viajantes abastados deixaram valiosas somas. E assim começou a surgir a Catedral Metropolitana que temos hoje, não sem antes sucumbir a antiga Matriz.

Em atenção ao carinho dos capixabas, Dom Benedito, que em 1916 havia sido eleito para a Academia Paulista Letras, participou aqui da fundação da Academia Espírito-santense de Letras e foi seu primeiro presidente e primeiro ocupante da Cadeira 10. Enfatizava encontrar a todo momento na Bíblia “páginas belíssimas da mais cultivada literatura”, percorrendo sobre registros de “fecunda imaginação” e “elevada poesia” nas escrituras sagradas.

Quinze anos depois da chegada, doente, Dom Benedito renunciou ao bispado no Espírito Santo e se radicou no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1946. O corpo foi levado em trem noturno para São Paulo, onde foi enterrado, mas seus restos mortais hoje descansam na Catedral Metropolitana de Vitória.

Meu encontro com GEIR CAMPOS

Acusavam-no de acidentalmente haver nascido no Espírito Santo, no limite com o Rio de Janeiro, talvez vencendo no limite a lei da gravidade

Pedro J. Nunes
Cadeira 25 da AEL

Não posso dizer com todas as letras que Geir Campos tenha sido uma influência decisiva para que eu me tornasse escritor. Mais prático acreditar que eu fosse afetado pelos meridianos traçados sobre minha eternamente mítica São José do Calçado, uma cidade com vocação literária endêmica, e pelo efeito dos brotos literários que a leitura, essa, sim, minha primordial e verdadeira vocação, fizesse surgir no caule áspero e bruto de minha inconsciência. O mais daquilo que compõe um escritor nem ele nem a eternidade podem dar conta de desvendar.

Houve um tempo, já agora quase distante, em que eu, menino, desci com minha mãe numa fria noite de maio até parte de baixo da Praça Pedro Vieira, em São José do Calçado. Era noite de chocolate quente, essa tépida e mais que cara lembrança daqueles dias felizes. O chocolate quente em benefício da igreja atraía várias famílias nas noites frias de maio, e todos se aglomeravam em volta da barraca de madeira. Até hoje Dona Anna, minha mãe, se lembra de que não havia chocolate como aquele. O líquido grosso e forte que ela tanto apreciava vinha servido numa xícara de porcelana branca, bebíamos



O escritor calçadense

ruidosamente, como se assoprássemos para dentro aquela deliciosa mistura fumegante. Depois, havia ali um congraçamento social, os grupos de pessoas iam se formando e a conversa tomava conta da noite gelada. O chocolate de maio era uma instituição, uma das mais poderosas de nossa cidade.

Foi numa noite dessas que eu, menino de uma curiosidade extrema, observei que havia, já algum tempo, um senhor muito distinto caminhando lentamente pelo

paralelepípedo em frente ao coreto. Não tinha jeito das pessoas que eu conhecia. Não sei se a pele muito branca, o corte de cabelo incomum, o paletó cheio de dignidade ou o modo de andar, como se chutasse pedrinhas imaginárias, as mãos entrelaçadas nas costas. De vez em quando ele olhava para um ponto que bem parecia ser a casa de seu Héber e dona Arlete. Não pude me conter: “Mãe, que homem é aquele?” Pelo modo como minha mãe ficou surpreendida,

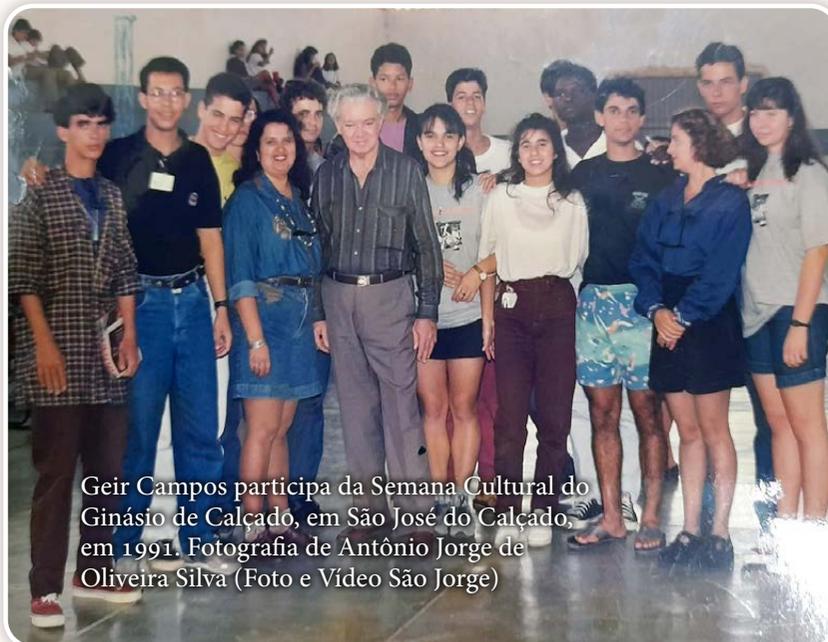
concluí que tinha razão em achar excepcional a presença daquele homem tão distinto. Pretextando alguma coisa, minha mãe se afastou e demorou um pouco, devia estar perguntado a alguém de quem se tratava, pois veio com a resposta completa: “É um escritor muito importante, meu filho, que nasceu aqui e está visitando a cidade. Chama-se Geir Campos.” Em toda a minha vida, o que não era grande coisa, pois devia estar aí pelos dez anos, eu, que já havia

me afeiçoado aos livros, nunca havia imaginado que um dia pudesse ver um escritor chutando pedrinhas imaginárias numa noite fria de São José do Calçado. Um escritor ali, tão ao alcance dos olhos. Quando ele passou por nós, após finalmente dar o braço a alguém que realmente vinha da casa de seu Héber, para mim passou como um ser mítico e profético, um domador de palavras, um ser inacessível e gigantesco. Até hoje me recordo de vê-lo embarafustar-se com sua companhia pela rua da Biquinha e desaparecer. E essa noite nunca saí de mim como talvez uma das mais extraordinárias da minha vida.

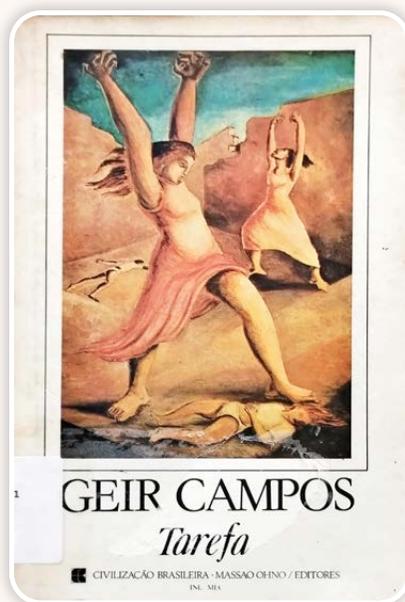
Anos depois, já residindo em Vitória, revi Geir Campos. Foi precisamente no dia 30 de agosto de 1982, uma segunda-feira. Vinha ele participar de um seminário que ocupou a semana inteira com temas poéticos. Com o propósito de colocar a moderna poesia capixaba em debate, esse pretensioso encontro trazia o título de *Seminário de Poesia Capixaba Moderna*. Foi no Teatro Carlos Gomes, parece-me que no cair da tarde e entrada da noite. A presença de Geir Campos era bem-vinda, mas nem tanto, a julgar por nota publicada no jornal por um intelectual da terra. Acusavam-no de acidentalmente haver

nascido no Espírito Santo, no limite com o Rio de Janeiro, talvez vencendo no limite a lei da gravidade. E diziam que por estas bandas nunca Geir Campos estirou os olhos. Como se lhe bastasse a recriminação de ser um dos maiores poetas da Geração de 45, essa extraordinária geração de poetas brasileiros que, num dos movimentos do Modernismo, propunha a retomada do rigor formal para a poesia. E mais, que tendo obtido êxito editorial, vinha por aqui surrupiar a resma de papel com que se publicasse um ou outro *escritor da terra*, já que nesse seminário seria lançado – e foi – seu livro *Cantar de amigo: ao outro homem da mulher amada*, um volume de sonetos pra lá de modernos que narram o triângulo amoroso apaziguado e feliz de dois homens e uma mulher. Faltaram pouco dizer que Geir Campos escorregou para Campos, e depois para Niterói cedendo à mesma lei a que se opusera e que casualmente o fizera nascer nas terras limites do nosso estado. Ou que era culpado de falta grave por haver construído a reputação de poeta que fez por merecer.

Essa quase noite fria de agosto testemunhou com os ventos que assolavam a Costa Pereira meu segundo encontro com Geir Campos. Vinha ele modestamente falar sobre *Introdução à poesia*. Se tomou conhecimento do que disseram sobre ele, não deu mostras. No Carlos Gomes, o homem que eu, menino, vira caminhar pelos paralelepípedos de São José do Calçado, via-o, agora adulto, espelhar para nós, sua audiência, a grande e gentil figura. Minha ousadia não passou



Geir Campos participa da Semana Cultural do Ginásio de Calçado, em São José do Calçado, em 1991. Fotografia de Antônio Jorge de Oliveira Silva (Foto e Vídeo São Jorge)



disso: ouvi-lo. Um ser deslocado do mundo agrário, que rascunhara tão recentemente uns primeiros poemas muito ruins em beira de curral, totalmente autodidata na arte de ler e de escrever, que a custo tentava esculpir sua arte pequena dando murro em ponta de lápis: eu bem conhecia meu lugar quando daquele encontro com o grande artista. Aos vinte anos, o mundo da grande cidade me parecia hostil demais para que eu me revelasse. E a alma do menino de dez anos entrou pela alma do homem feito. E deixei que o poeta se fosse, sem mesmo agradecer-lhe um exemplar do livro que autografava.

Geir Campos tinha grande apreço por São José do Calçado. Mesmo tendo deixado poucos parentes, e distantes, sempre que podia estava na terra natal. Seu porto seguro na cidade era a casa de seu Héber e dona Arlete, uma espécie de embaixada do bom gosto e da cultura na cidade. Geir Campos nunca foi ingrato ao berço. Ele se orgulhava de ser do Espírito Santo, estado onde nasceu “por obra e graça de São José do Calçado”. E reconhecia, no prefácio de *Metanautica*, que uma de suas predestinações, a de fazer-se ao mar e a de encher de mar sua poesia, esculpia-se na porta da Matriz de São José: “Na porta da igreja

onde fui batizado, vê-se até hoje o baixo-relevo de uma âncora, em ângulo com uma cruz, talvez me predestinando a ser homem do mar.” Ancoradouro de almas, vá saber se de fato essa âncora esculpida na porta da igreja matriz que domina o cenário de uma cidade tão distante do mar não tenha mesmo sido o presságio do destino de um de seus filhos mais ilustres. Seja como for, era em São José do Calçado que Geir Campos deitava sua âncora no Espírito Santo.

Tanto é que nesse mesmo ano de 1982 eu o vi ainda uma vez mais. Vinha ele autografar em São José do Calçado um pequeno volume

de contos publicado pela Record, *Conto & vírgula*. Desta feita o menino tímido e agrário entrou na fila e, ao receber seu exemplar autografado, murmurou, estendendo a mão ao poeta:

– Obrigado.

– De nada, espero que você goste – respondeu-me ele, apertando minha mão úmida.

Foram as únicas palavras que troquei com o poeta Geir Campos.

No final da década de 1980 o jornal *A Ordem*, órgão oficial e noticioso da prefeitura municipal de São José do Calçado, publicou com frequência várias contribuições de Geir Campos, incluindo algumas traduções de poemas, alguns textos de opinião e a famosa série *Encontro*. Em “Meu (re)encontro do Calçado”, estampado em *A Ordem* de 25 de setembro de 1988, escrevia ele: “Sempre ouvi dizer que eu havia nascido num domingo de Carnaval. E no ano em que eu ia fazer 45 (quarenta e cinco) anos de idade, o dia do meu aniversário ‘cairia’ num domingo, e de Carnaval; por isso, achei que valia a pena eu ir naquele ano a Calçado, passar lá meu aniversário”. Esta foi apenas uma das várias vezes em que ele retornou ao canto do Espírito Santo que o viu nascer.

Creio que, a esta altura, talvez eu deva me despedir destas lembranças confessando acreditar que a reminiscência mais cara que tenho de Geir Campos é a imagem mítica daquele homem incomum que, numa noite fria de minha infância, chutava pedrinhas imaginárias na Praça Pedro Vieira. Porque foi com esse mesmo olhar que o revi e, se fecho os olhos e forço a memória, essa é a imagem mais nítida que ainda guardo dele.

Os livros e a magia DE QUIXOTE

Os livros são portas abertas para o sonho, em qualquer idade que se tenha acesso a eles, pois nos permitem elaborar um mundo próprio

Ester Abreu Vieira de Oliveira
Presidente da AEL - Cadeira 27

Manejar a linguagem escrita incrementa prestígio, e ler um livro nos faz sonhar, nos mostra que há saídas e que nem tudo está imóvel. Porém, ele não nos impõe idéias ou imagens ou histórias. Contudo, os livros imóveis na biblioteca gritam por leitores.

Sempre se atribuiu ao texto escrito um poder absoluto e um interesse em preservá-lo. Haja vista o decálogo escrito na pedra, que Jeová entregou a Moisés, bem guardado numa arca, com o maior respeito, dentro do templo.

Os textos escritos ficcionais conservam um ar sagrado de magia que os diferentes leitores, de maneira diversa, afetados pela “realidade” que eles contêm, procuram revelá-la, tornando o passado um presente eterno. Porque, ler é reviver o livro, é fazê-lo adquirir existência; é, também, possuir os signos de um código e pôr em movimento um sistema; é encontrar sentido e dar nomes a eles que, por sua vez, atrairão outros, numa cadeia circular.

Os livros são portas abertas para o sonho, em qualquer idade que se tenha acesso a eles, pois nos permitem elaborar um mundo próprio. Eles nos proporcionam conhecimentos e ampliam nossos horizontes.

Miguel de Unamuno, um escritor espanhol do final do século XIX e princípio do XX, confessou que colocar os pensamentos,

os devaneios, os sentimentos no papel é matá-los, e a ação de ler, revive-os, e se faz eterna a obra: “Leer, leer, leer, vivir/ la vida que otros soñaron/ Leer, leer, leer,/ el alma olvida las cosas que pasaron”, canta esse poeta-filósofo.

Miguel de Cervantes, escritor espanhol do século XVII, é o autor da obra *Dom Quixote de la Mancha* (El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha), que está distribuída em duas partes. A primeira parte contém 52 capítulos, apresentada ao público em 1605; e a segunda, com 74 capítulos, lançada em 1615. A base da primeira parte são os livros de cavalaria lidos e interpretados por D. Quixote, enquanto a da segunda reflete a idéia que palpita de que a história de D. Quixote foi publicada, lida interpretada e continuada. Um exemplo é quando a Duquesa quer saber de Sancho Pança se D. Quixote era o personagem de uma obra que ela havia lido.

É inquestionável a importância desse livro para a História da Literatura, não pela história que conta, mas pela sua essência. São testemunhas do êxito alcançado por essa obra não somente a variedade de reimpressões e traduções, mas os vários estudos que ela proporcionou.

Transparente está para o leitor a intenção de Cervantes, em *Dom Quixote de la Mancha*, parodiar as novelas de cavalarias apoiando-se na obra medieval *Amadis de Gaule*. Essa função superficial é importante e se realiza por meio da

ênfase que o escritor dá a esse fato, ao humor que provoca a paródia, e a comicidade das aventuras enfrentadas pelo protagonista. Contudo, Cervantes, indiretamente, nos explica o sentido profundo de sua obra, unindo teoria ou significação simbólica com execução artística, eliminando explicações diretas ou indiretas. E, nesse fazer, aproxima essa obra à arte contemporânea.

Para ler o *Quixote*, naturalmente, necessitamos aproximarmos de sua época, não só pelo código linguístico e historicidade do conteúdo próprio da época em que a obra foi escrita, mas também porque nela existem muitas referências a fatos, pessoas, obras, leituras, em fim, à vida da época do autor. Entretanto, a distância histórica, que, às vezes, dificulta a interpretação do leitor, pode ser abrandada se procuramos decodificar nossa leitura com base nas características formais do texto. A estética da recepção mostra que uma obra, no decorrer do tempo, traz novas e diferentes respostas para aqueles que a lêem, de acordo com a sua experiência e pensamento. Jorge Luis Borges, escritor argentino, afirma e teoriza que o diálogo é infinito que o livro estabelece com o leitor e Ortega y Gasset, por sua vez, diz que a obra se completa “completando a sua leitura”.

Do *Quixote*, vamos destacar as ações de ler que alguns de seus



personagens exercem. Seja ao procederem a leitura da história do personagem D. Quixote e ou de livros de cavalarias, em momentos de ócio e na taberna.

A leitura, como produto valorizado, como função social e discriminadora do saber prévio de cada leitor, de sua experiência de leitura, é vista no *Quixote* desde o seu prólogo até o fim do livro, no último pronunciamento do narrador, quando ele alude ao término de sua empresa e aos leitores e escritores futuros que poderiam vir a profaná-la: “Aqui

ficarás pendurada desta espeteira, ó pena minha, que não sei se foste bem ou mal aparada, e aqui longos séculos viverás, se historiadores presunçosos e malandrinos te não despendurarem para te profanar [...]”.

Mas o tema da leitura no *Quixote* é uma atividade ambígua já apresentada no prólogo da primeira parte: “Desocupado leitor, nem preciso jurar, que quisera que este livro fosse, como filho do entendimento, o mais formoso, o mais galhardo e mais discreto que se possa imaginar. Mas não pude contrariar a ordem



da natureza; já que nesta cada coisa engendra seu semelhante. [...]"

O protagonista do Quixote, Alonso Quijano, que passa a ser chamado de Don Quixote, é o protótipo do leitor. Há na obra um paralelismo entre as reações que o Quixote provoca sobre o leitor durante a sua vida e as que ele provocou sobre o conjunto dos leitores no desenrolar da história. Daí vem o qualificativo "ingenioso". O Quixote é um livro escrito com técnica irônica. Por essa razão que Cervantes não conclui nada, ele deixa que o leitor tire por si mesmo toda espécie de

conclusão. Cervantes propõe, insinua e o leitor dispõe. Essa obra é uma teoria do romance. Em todo o texto estão difundidas as idéias estéticas de Cervantes e, também, as filosóficas. Só a análise e uma leitura atenta fazem manifestar o pensamento cervantino. Ler essa obra de Cervantes nos coloca diante de um texto ideologicamente irônico, por isso, é muito difícil saber quando esse discurso é sério ou quando não é, quando há humor ou se é a idéia do autor que se manifesta.

Desde sua apresentação ao público o Quixote

estimula a leitura e adquiriu fama, sendo traduzido em vários idiomas. Assim não é exagerada a afirmativa do personagem, Sansón Carrasco, na segunda parte, de que já haviam sido impressos mais de doze mil livros e que já era conhecido em Portugal, Barcelona e Valência e que no seu modo de pensar "não haveria nenhuma nação nem língua onde não fosse traduzido". Muitos de seus personagens lêem ou escrevem. Lêem a história de D. Quixote e lêem livros de cavalarias, na taberna, e nos momentos de ócio. A leitura como

prazer, reguladora dos processos anímicos, Cervantes anteviu, antes de Freud escrever *Além do princípio do prazer*, e apresentou a teoria das sensações concretas do prazer e desprazer, ligadas ao EU, pois ele deixa mostrar durante a leitura do Quixote ou na leitura e (re) leitura que o prazer em alto grau é perigoso para a afirmação do organismo diante das dificuldades do mundo exterior.

Prova disso é o processo mental pelo qual passou Alonso Quijano, por não saber substituir o princípio do prazer pelo princípio da realidade. E, não conseguindo o equilíbrio necessário para a conservação do EU, passou a adotar outro EU o do Quixote, onde reinava o princípio do prazer, que será atingido somente por forças malignas, insólitas, produzidas por alguma magia. Um exemplo de um processo mágico de desprazer foi quando, na primeira parte, nos capítulos V, VI e VII, ocorre a narrativa dos acontecimentos que anteciparam e os que se pospuseram à queima dos livros da biblioteca de D. Quixote. Os seus amigos e familiares: o clero, o bacharel, a ama e a sobrinha incineraram quase todos os livros e fizeram uma parede fechando a porta da biblioteca, enquanto D. Quixote dormia. Ao despertar, verificou o desaparecimento de seu ambiente de maior prazer, e eles lhe disseram que o sábio Frisção havia levado os seus livros, resignadamente ele explicou que esse sábio encantador era um seu grande inimigo devido a conhecer que ele deveria ter uma grande batalha com um cavaleiro que era seu protegido e que o venceria, sem que ele possa com seus encantamentos evitar essa vitória.

A leitura afeta a vida de Alonso Quijano e de outros personagens que a valorizam, de acordo com a sua experiência de vida ou identificação com a história. Quando lia o nosso fidalgo? O narrador diz que lia nos momentos de ócio e

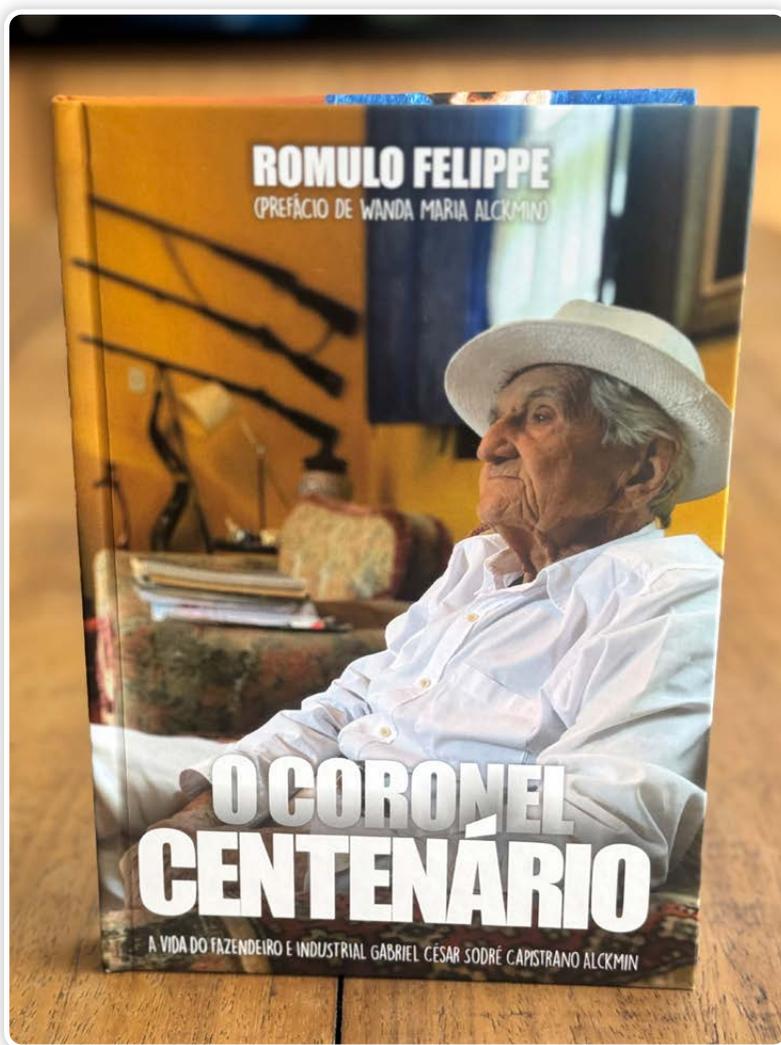
que esses eram muitos durante o ano. Logo a sua vida era só ler e, mais precisamente, livros de cavalarias.

No princípio do século XVII, quase não se editavam livros de cavalarias. Todavia, Cervantes transfigura e enaltece esse gênero literário lendo a sua essência, a sua poesia para transladá-la à sua obra. Nessa tarefa ele purifica as narrativas desse gênero, completa-as e revive-as. Na primeira parte, cap. VI, há uma referência a cem livros grandes e muito bem encadernados e outros pequenos na biblioteca de D. Quixote, só sobre o tema da cavalaria. São os personagens secundários e o principal que valorizam o livro. No cap. L, na primeira parte, D. Quixote discorda da opinião do canônico e fala sobre livros impresso de cavalaria, sobre o prazer de lê-los e sobre o verossímil dos relatos, mais bonitos, "qualquer parte que se leia de qualquer história de cavaleiro andante há de causar gosto e maravilha a quem a ler". Suas leituras "desterram a melancolia", foram elas que lhe deram sabedoria e lhe moldaram o seu caráter..

Finalmente, para falar de livros e da magia que nos traz as ficções, não podemos deixar de relacionar a importância que Cervantes coloca nessa sua obra máxima. Ele oferece ao leitor uma mostra da importância da leitura e escrita de uma obra, na própria organização da narrativa que é produto de traduções e releituras de Cide Hamete que ao se manifestar no último capítulo da obra escreve: "Só para mim nasceu Dom Quixote, e eu para ele. Ele soube praticar feitos e eu escrevê-los" e, na caracterização do herói como apresenta no primeiro capítulo descrevendo seus gostos, hábitos e familiares, seu nível social, sua idade, seu físico e seu nome e a seguir apresenta a obsessão do protagonista pela leitura e as conseqüências dessa no seu comportamento, ou seja, faz a interação entre texto e leitor.

Wanda Alckmin
Cadeira 30 da AEL

Amo escutar as histórias que o outro nos traz. Triste é que, quando vamos crescendo, o silêncio vai se tornando maior do que a gente, e as histórias contadas ficam, por sua vez, menores também. Colocam a culpa no tempo... Sempre tive a curiosidade de saber as histórias de meus avós, tanto maternos quanto paternos. Nunca tive a chance de conversar sobre isso com eles. Queria tanto saber de suas infâncias, seus sonhos, e o que queriam ser quando crescessem. Queria ter sabido mais das histórias de todos eles. Tinha tantas perguntas para fazer, mas nunca as fiz. As histórias de meus pais, e as de meus avós, foram crescendo em mim com as vivências que tive com eles, e com as impressões que ficaram em mim gravadas no decorrer da vida. Notava que quando me expressava ou escutava os relatos de minhas irmãs, muitas vezes, nossas histórias não se assemelhavam, e isto me inquietava. Queria saber a verdadeira história, mas quem a contaria? Não deu tempo para eu perguntar muitas coisas à minha mãe. Saí de casa cedo para me casar, mudei de cidade e de estado. A nova vida que eu formei tomou conta de mim. E mamãe acabou partindo para a outra dimensão, sem eu saber muito de seus sonhos, de sua infância, de sua mocidade e a verdadeira história de seus pais e de seus avós. Mas Deus deu vida longa ao nosso pai, e me inspirou a querer escutar dele a história de sua vida, também a de seus pais e de todas as suas lembranças. Tinha a convicção de que não seria eu “a escuta” de sua história.



Um testemunho SECULAR

Biografia do mineiro Gabriel César Sodré Capistrano Alckmin transporta o leitor para períodos memoráveis da História do Brasil

Mas a vida é mágica, e trouxe-me um escritor, o Romulo Felipe. Eu o conheci quando entrou na Academia Espírito-Santense de Letras, alguns anos depois de mim. Romulo é um exímio escritor, premiado de renome, mas o que fez com que eu o escolhesse para conhecer papai e mergulhar em sua vida, foi a sua sensibilidade, o seu olhar amoroso e cuidadoso para com os detalhes em família. Por conhecer também seu trabalho de biógrafo,

o convite foi rápido e certo. Saímos uma manhã de Vitória direto para a fazenda Santa Marina. E em um mergulho de cinco dias em convívio com papai, Romulo criou este livro. Com perguntas, foi adentrando na sua infância, na adolescência, na sua vida adulta, e assim foi obtendo todas as histórias que eu desde pequena queria tanto conhecer, e que agora são contadas neste livro. A vida é assim... às vezes sonhamos com algo e nunca realizamos. Um

dia, chega alguém e realiza para nós, num piscar de olhos, sem nem ao menos saber que era um de nossos grandes sonhos. Não preciso apresentar o meu pai em prefácio... e nem daria conta disso. Papai é um dos últimos grandes homens de sua geração. Seu testemunho ao biógrafo Romulo Felipe tem valor porque conta a história de um Brasil antigo, onde e quando se formavam homens e mulheres cuja a palavra tinha a garantia de vida e validade até

após a morte. Uma vez, dada a palavra, lavrada ela estava. Uma história que se podia viver e contar sobre ela. Papai é abençoado por Deus por inúmeras razões, e uma delas é ter uma memória pura, genuína, completamente viva, colorida, como esta estação que já se inicia amanhã. Escrevo às vésperas do nascimento da primavera. E as cem primaveras de papai também se aproximam, pois daqui a um ano e onze meses, ele completa um século de vida. Viver ao lado de papai é conhecer a vida nos seus mínimos detalhes. É viajar por sua árvore genealógica e conhecer o mundo do alto, ao lado de Santos Dumont, é poetar à duas mãos com Raimundo Correia, é saber das artimanhas de batalhas com o rei Robert III, é ter sabedoria para lidar com a vida como o seu pai, é conhecer delicadamente a Deus como a sua mãe e ser o amor como foi o encontro com a nossa mãe. É se permitir entregar como está sendo com as suas filhas, é provocar risos como sempre fez e faz com os seus netos e bisnetos. Papai é desses homens que desperta respeito e amor no coração de quem trabalha para ele, e é homem de manter a lealdade com um amigo até a morte, custe o que custar. Defeitos? Claro que os têm! Mas isso vamos deixar para Deus apontar, se até lá ele já não os tiver corrigido (risos). Papai é também de provocar surpresas! E a nossa maior surpresa e bênção é que em nosso pai sempre encontramos a nossa mãe. Este é o maior presente que ele continua a nos ofertar, em cada manhã que o sol acorda na Fazenda Azul e Amarela, a Santa Marina de mamãe, dele e nossa também! Adentremos neste Coração de Ouro, neste Coração Valente que ainda arde em vigor e sonhos nestas terras de Minas Gerais.

Uma leoa ACADÊMICA

*Judithe Leão Castelo Ribeiro
foi a primeira mulher na
Assembleia Legislativa e
pioneira na presidência da
Academia Feminina
Espírito-santense de Letras*

Ester Abreu
Cadeira 27 da AEL

Judithe Leão Castelo Ribeiro (Serra: 31/08/1898- RJ: 23-03-1982) exerceu papel inestimável em diversas frentes da sociedade capixaba. Foi a primeira mulher a exercer um cargo Legislativo, e a primeira presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL).

Entre as suas ações políticas e sociais destacam-se para: o magistério, ela sugeriu leis que auxiliam no desempenho desta nobre atividade; a literatura, contribuiu para a criação da AFESL; o povo em geral, fez pronunciamentos em defesa de interesse público em rádios e jornais e publicou textos; a política, ela atuou ativamente como deputada, auxiliando em obras diversas em vários municípios e criando projetos de proteção aos funcionários públicos e cidadãos em geral. A seguir temos uma crônica com a qual Judithe Leão recorda seus tempos de estudante.

Quinta-feira
Não me refiro ao quinto dia depois do domingo. Aliás, aquele dia bem merece um comentário. Guardo boa lembrança das quintas-feiras no Colégio do Carmo, de saudosa memória. A saída era às duas horas da tarde, para as alunas externas. A menina da Serra, que viera antes para o internato, saía às pressas, escadaria abaixo, corria para casa. Os pais, com uma penca de filhos, se mudaram para Vitória por causa da filha muito franzina. Quanto sacrifício por minha causa... Deus os recompense, dando-lhes o céu.

Corria, descendo a escadaria, embora gostasse de tudo e de todos do colégio. Aqui um destaque. Acima de tudo e de todos, gostava, idolatrava a irmã Josefa Hosannah de Oliveira, pequenina no tamanho, grande, majestosa espiritualmente. Educadora na acepção do termo. Tinha o dom de conduzir. Educava para o “amanhã”. Evoluída, tinha consciência das mudanças sociais, da necessidade de adaptação até onde a moral fosse respeitada.



As tardes de domingo, passadas no Carmo, eram de lazer na convivência com as irmãs especialmente, com a culta, a artista da música e da pintura, irmã Josefa. Certa vez, alguém perguntou à irmã Josefa o porquê de sua preferência pela pintura do girassol e dos lírios brancos. Resposta sócio-teológica; —“Lírio

branco, símbolo da paz, da pureza, que gera a lealdade, responsável pela união, fruto da paz. O girassol move-se acompanhando o sol no seu giro, como o homem procura Deus, tanto que, mesmo quando negando sua existência, se preocupa com Ele”. Diálogos como este, além de canto de música ao

bandolim, predicados da irmã Josefa, santa mulher, ornada com o dom divino da fortaleza, traziam sadia alegria.

O Carmo era uma área de lazer, recreação do espírito, segundo a palavra “escola”, em sua origem etimológica.

Como assim sentindo, alegrava-me a saída mais cedo às quintas-feiras?



104 ANOS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS



Foto da criação da Academia Espírito-santense de Letras, Clube Boêmios, 1921



1921 — 2025



ACADEMIA
ESPÍRITO
SANTENSE
DE LETRAS
www.ael.org.br



PREFEITURA DE
VITÓRIA